

# A LANTERNA

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

## LA ESCUELA MODERNA

I

Em Hespanha, foi grande a necessidade da obra regeneradora de Ferrer. A ignorancia era universal e a superstição reinava intacta.

Para prover de remedio a esta situação deploravel, que fôra creada por seculos de má vontade governamental e de dominação clerical, o projecto de Ferrer foi a um tempo arrojado e pratico.

No programma que publicára logo no começo da sua boa empreza, diz elle: que a missão da Escola Moderna é receber as crianças—rapazes e raparigas—confiadas aos seus cuidados e educal-as de maneira a virem a ser homens e mulheres de espirito liberal, amando a verdade e a justiça.

Para realizar esta obra, a Escola substitue os methodos dogmaticos da theologia pelo methodo racional indicado pelas sciencias naturaes, com o proposito de evocar, desenvolver e cultivar as aptidões particulares de cada alumno, afim de que, fazendo plenamente evoluir a capacidade latente de cada criança, esta possa ser capaz de se tornar não só um membro util da sociedade, mas ainda, em consequencia da sua educação especial, um meio de augmentar o valor intellectual da massa.

II

Verificado que a religião é um facto, social, politico e economico, com o qual ha que contar, a Escola Moderna resolveu fornecer tanto á criança como ao seu professor o armamento intellectual tirado do arsenal desse livro admiravel, *A Substancia Universal* (de Albert Bloch e Parafjalval), afim de os tornar capazes de resistir aos assaltos da superstição.

Do mesmo passo anima a criança a pensar e a desenvolver a sua individualidade de caracter e de expressão.

Todas as particularidades do ensino se baseiam neste principio.

Quer a criança se assente á sua

carteira na escola, quer passeie nas mattas proximas ou á borda do mar, com os seus camaradas e professores, quer visite em companhia delles qualquer fabrica industrial, uma instituição technica ou um laboratorio scientifico, sempre os educadores se dirigem antes de tudo á sua observação pessoal, no intuito de lhe despertar um interesse intelligente sobre os variados objectos que a cercam.

Em vez de lhe metterem na cabeça alguns conhecimentos, procuram fazel-os evoluir na sua propria consciencia e decorrer naturalmente da sua propria intelligencia.

Deste modo a instrução transforma-se em collaboração e em camaradagem entre alumnos e professores. Por estes methodos racionais e por

diversos outros meios denotados por tal objectivo, cultiva-se o espirito da criança tornando-lhe a consciencia salutarmente impressionavel a todo o nobre appello feito á sua alma sympathica e á sua intelligencia.

III

A Escola Moderna foi fundada em Barcelona em maio de 1901, e logo absorveu ou reorganizou grande numero de escolas que haviam sido estabelecidas na Catalunha e em outras partes da Hespanha, de sorte que, já no quarto anno da sua existencia, 40 escolas haviam copiado os seus methodos e manuaes.

Nessa mesma época a sua influencia começava a fazer-se sentir em outros paizes. Por exemplo, em S.



Paulo, em Lausanne e em Amsterdam, os livros publicados por Ferrer foram adoptados pelas escolas que nessas cidades se haviam fundado sobre os principios da Escola Moderna.

Quando rebentou o cataclismo de maio de 1906, existiam cerca de 50 escolas. Em consequencia das perseguições governamentais, uma duzia dellas, principalmente as mais fracas, foram suprimidas, mas novas e mais fortes instituições renasciam, como a phenix, das suas cinzas. Uma das mais notaveis destas foi a *Humanidad Nueva*, fundada em Valencia, durante a encarceração de Ferrer, graças aos esforços entusiastas do professor Samuel Torner.

Esta escola que em dezembro de 1907 contava 150 alumnos dos dois sexos e tinha uma lista de 40 candidatos (que, mais tarde, ampliado o local, foram admitidos) acha-se provida de tudo o que ha de mais moderno, sob o ponto de vista hygienico e pedagogico. O mobiliario é tal que cada alumno pode trabalhar a uma secretária separada, e a escola possui uma vasta collecção de specimens e apparatus para as lições de sciencias naturaes e physicas.

Prevalece o sistema da coeducação dos sexos nesta escola como nas outras, e tem dado ex-

## CAUTERIOS

XLVI

A' memoria de Ferrer.

«Educar para a vida a mocidade,  
Para uma vida forte e sem mentira?  
Horror! Isto é a anarchia, isto conspira  
Contra o céo, mais o throno, mais o abbade!

Morte ao infiel, ao que á loucura aspira!  
A terra é muito nossa propriedade,  
Não deixemos morrer a autoridade,  
Como se escava o fumo duma pyra!

Morte ao infiel!—E a terra horrorizada  
Viu a resurreição de Torquemada  
Dum mar de sangue, horrivel e iracundo;

Nem renascer da inquisitoria sanha,  
Viu Ferrer succumbir dentro da Hespanha,  
— Para viver no coração do mundo!

Beato da Silva.

cellentes resultados. Escrevendo-me da cadeia, Ferrer falava com entusiasmo das vantagens da coeducação. Pude compreender, dizia elle, após alguns mezes desta educação humanitaria e scientifica, o que virão a ser os homens e as mulheres, quando tivermos dado ás crianças uma educação racional. Era um prazer ver desenvolver-se entre os rapazes e as raparigas o espirito da camaradagem, todos respeitosos e amigos, offerecendo um espectáculo tocante de fraternidade. Existia a maior cordialidade entre os professores e os seus discipulos, penetrados todos pelo desejo de realizar uma sociedade ideal baseada na afeição e na solidariedade.

William Heaford.

A "LANTERNA"

Dando este numero especial, no qual empregámos muito esforço e muita boa vontade, embora organizado ás pressas, pretendemos commemorar dois factos para nós altamente dignos de rememoração: o fuzimento, no carcere para sempre maldito de Montjuich, do grande pensador e educador Francisco Ferrer e o segundo anniversario deste jornal.

O que foi o assassinato de Ferrer todo mundo o sabe, a imprensa livre de todo o mundo o registou: — uma vingança inesquilha e barbara. A vida dum homem que fundava escolas para a educação racional do povo era uma ameaça constante contra a bastilha da tyrannia e da ignorancia. Por isso mataram-no.

A todos nós seus camaradas, discipulos e admiradores cabe portanto a tarefa de vingar esse canibalesco assassinato, ultraje atirado á face da civilização contemporanea, das idéas modernas.

Como porém vingaremos Ferrer? — Odiando com fervor seus assassinos, combatendo-os sem tréguas, systematicamente boycotando-os — a elles e a seus asseclas, — commemorando dignamente a sua morte, como julgamos hoje fazer com esta edição especial da *Lanterna*.

O segundo facto que hoje commemoramos é o segundo anniversario desta folha. Dois annos! O que foram esses dois annos de lutas contra o obscurantismo, bem o sabem os leitores amigos que seguiram nosso caminho através desse lapso de tempo. Combatemos pertinaz, dissabores, perseguições, triumphos... Mas, não queremos enaltecer nossos proprios actos. Deante desses cento e oito exemplares da *Lanterna* que em cento e quatro semanas, com estoica perseverança, distribuímos, os nossos leitores e companheiros de ideal aquilatarão nosso esforço!

PATRIA NOVA

E' preciso fazer uma patria nova, grande, forte, nobre e sincera, que corresponda aos nossos tempos, ás correntes progressivas, ás imposições modernas; que nem se humilhe com servilismo de escravo, nem se enlance com mandatos de tyrannia, uma patria de cujo seio brotem os pensamentos altruisticos e vigorosos, que, qual poderoso pharol em noite tenebrosa, illumine com radiosa claridade o vasto mundo da intelligencia humana.

E' preciso fazer uma patria nova, prospera e feliz; uma patria unica, onde convivam seres de cerebros sadios o corações puros, que pensem alto e sintam com profundeza; que não desperdicem suas energias em lamentaveis esterilidades, mas as empreguem em idéas elevadas que se crystallizem em factos salvadores.

Uma patria onde se enthrone o bem e a verdade, onde a sciencia seja o ideal almejado pelos homens que hoje se chamam sonhadores; que se propaguem as artes, que se protejam as industrias, que se estendam as relações entre os homens, laço de fraternidade entre os povos; que se dê livre curso ás iniciativas...

Um reinado a cuja sombra alente-se o germen da nova vida, estabelecida por grandiosas palpatões e em cujo regaço descance o esqueleto de uma raça que será forte e poderosa, e que, levantada sobre a superficie do planeta, com o peso de colossal e bronzea estatua, marchará impavida á conquista de seus ideaes!

Um ambiente onde as correntes sejam de sympathia e de carinho, — em que as concepções grandes, sublimes, energicas, capazes de remover os cimentos da terra, defender as regiões elevadas, infiltrar nos corpos inanimados o sopro vivificador que lhes alente, fazendo-os caminhar, — se cruzem, se entrelacem, se confundam, constituindo um facho de luz que, prolongado indefinidamente, vá illuminar os ultimos reconditos do mundo com as tintas deslumbradoras de uma spothéose sublime!

Francisco Ferrer.

O ENSINO RACIONAL

NADA mais opportuno e necessario na inauguração duma escola racionalista, do que determinar e precisar este genero de ensino, dado o meio em que vivemos.

Em uma sociedade racional, perfeita e justa, poderia falar-se de ensino, dispensando-se a classificação; porém, na sociedade em que vivemos, o ensino é naturalmente tradicional, e por isso mesmo, essencialmente estacionario e antiprogressivo.

Quantos amam o progresso e anseiam pelas reparações justiceiras que o futuro lhes promete, necessitam preparar a infan-



Soledad Villafranca (companheira de Ferrer)

cia para uma educação nova, que rompa a cadeia dos erros tradicionaes, e fortifique a intelligencia com verdades, para que as gerações vindouras deem no decurso da vida o fructo que legitimamente se póde esperar da natureza humana.

Nada mais expressivo e adequado como estas duas palavras: *ensino racionalista*. Tem-se falado do ensino laico; esta classificação só dá ideia de que se não trata duma educação feita por religiosos; analysando bem essa classificação, é desnecessaria, porque em Hespanha a generalidade do magisterio, outróra e na actualidade, era exercida por laicos que ensinavam o catecismo.

O laicismo teve razão de existir em paizes como a França, onde estava a cargo do clero na generalidade, e ao emancipar-se o ensino da tutela ecclesiastica, foi necessario qualifica-lo de laico.

Tem-se falado tambem de ensino integral, em que se pretende ensinar tudo; raciocinando, porém, vemos que é impossivel, por difficuldade do meio, cumprir o programma em sua integridade. Este ensino está reservado a ser o ensino do futuro pelos grandes meios que a sociedade scientificamente regenerada facilitará, mas, além de integral, tambem será racionalista e é nesta concepção que todos os que trabalham pela educação racionalista tomam posse do futuro a partir do momento actual.

Ha tambem quem fale do ensino neutro. Contra este é preciso protestar energeticamente em nome do respeito que a infancia nos merece. Neutralidade entre o erro tradicional e a verdade scientifica supõe um equilibrio impossivel entre as crenças que se vão desvanecendo a cada instante e os conhecimentos que incessantemente avançam; á sua impossibilidade ha a juntar a injustiça de inculcar nas crianças o mesmo respeito pelo erro e pelo mau, como pelo verdadeiro e pelo bom. Que professor accitaria tal vileza? Pela dignidade do professorado, como pelo amor á infancia, é preciso recusar o ensino neutro.

Enganam-se os paes ou quem deseja que os professores sejam neutros com seus filhos; não ha neutralidade possivel entre o erro e a verdade, e o mestre que a accettesse seria indigno da profissão; porque não ensinando o erro — o que em si não é immoral se se cre com boa fé — ensinaria a mentira. Esse homem tornar-se-ia um embusteiro.

Não, não é possivel conservar tal neutralidade em uma escola honrada e leal. Dessa neutralidade só seriam capazes os

professores que não têm noção do seu mistér, ou os que antes de mais nada attentam na cobrança das mensalidades.

Conclúe-se, pois, que a escola laica é insufficiente, que o ensino neutro é indigno, e o ensino integral é, por emquanto, impossivel; resta a educação racional como a unica util e pratica.

Ensino racionalista quer dizer o ensino que tem como meio a razão, e como guia a sciencia; como esta ainda não disse a sua ultima palavra sobre qualquer assumpto, resulta que o ensino racionalista não tem programma fixo. Pelo contrario.

Ao ensinar todos os dias os phenomenos physicos do universo e sociaes da humanidade, fá-lo com a especial reserva de que só tem merito o que está comprovado, o que os sentidos admitem e a experiencia sanciona.

O ensino racionalista tem por fim ensinar todas as verdades experimentaes, por contrarias que sejam ás ideias admittidas anteriormente; terá sómente em conta a idade da criança para graduar as phrases do ensino, para que seu tenro cerebro receba facilmente cada nova impressão que haja de conservar. Nunca será enganada, nem se dirá nada que ella não possa comprehender.

Um caracteristico peculiar distingue a escola racionalista: a coeducação dos sexos. Sobre este ponto lei de fixar a vossa attenção. Todos os pensadores livres reconhecem que a mãe é a primeira e principal educadora da criança. Observa-se ao alumno que a mulher considerada como inferior ao homem privada geralmente de instrucción e reduzida

a systematica ignorancia, não ensina a seu filho mais do que os erros tradicionaes que constituem o seu repertorio intellectual. Assim vemos como o clericalismo se ufana com o dominio da consciencia da mulher. Na escola racionalista, junta á criança, que a respeita e a trata com delicadeza infantil e maternal, a menina, a futura mãe, a primeira educadora de seus filhos, livra-se do erro, aprende a verdade, fica em condições de desempenhar funções sociaes importantissimas, não inferiores ás do homem, porque este se muito vale por si só, a mulher representa tantos homens quantos filhos tenha, e ainda a liberdade do seu esposo, a quem obrigará a não ser no seio da familia diferente do que é entre os amigos.

Taes são as manifestações que, como tributo offerecido ao ensino racionalista, me havia proposto expôr neste acto.

Soledad Villafranca

A ULTIMA TENTACÃO DE SANTO ANTONIO

solitario ia cerrar os olhos, quando diante d'elle se ergueu uma forma humana. Era a Virgem Maria. Uma tunica luminosa descia-lhe pudicamente até aos pés, e cingia-lhe a fronte uma refulgente aureola de ouro. Ajoelhou-se sobre a sua esteira ante a radiosa apparição e orou longamente com a cabeça curvada para a terra.

Mas ao levantar os olhos, em sua frente viu apenas uma mulher nua. Uma abundante cabelleira loira flutuava-lhe em redor das fontes, deslizando-lhe como uma torrente sobre os hombros. O puro matiz das açucenas inundava-lhe o corpo todo, desde o collo ás ancas. Duas rosas lhe floriavam sobre o peito, um tanto encendido, e todo o seu ser despedia divina claridade. Olhava Antonio sem falar nem sorrir, viva como uma chamma e muda como uma estatua.

— Que me queres? — perguntou elle brutalmente.

Permanecia ainda ajoelhado. A magnifica creatura abriu os braços como para o chamar, mas os seus labios não se moveram.

— Sai d'ahi! gritou elle. — Vai-te, execravel podridão, vaso de immundicias, excremento de Deus, que te creou em dia de desacertos! Todos os perfumes da terra não dissiparão o cheiro de animal que existe em ti; vejo a garra do demo-

nio sob teus pés. E' elle quem te envia para me tentares, não é verdade? Fedes ao enxofre do inferno; é elle quem sopra a mentira e a luxuria por tua bocca. Tens o inferno nos teus flancos, tremulos como os das cadellas; no teu ventre, onde deixou o seu estigma impuro; nos teus seios voluptuosos, que eu quisera ver para sempre mirrados. Vai-te! Tudo o que provém de ti é illusorio e vão.

A incomprehensivel apparição não se moveu. O asceta estendeu-se de novo sobre a esteira, voltando a face para o muro afim de não a ver, mas a parede fez-se logo espelhenta e reflectiu a imagem da joven. Quis expulsá-la, mas recôou peccar tocando-lhe e não realizou o seu intento.

Ao notar que sob a linha suave dos supercilios os seus olhos tinham tranquillidade como o brilho das estrellas no crystal das fontes, julgou reconhecê-la e exclamou:

— Porque não envelheceste? E's tu, não é verdade? Sim, és a que eu via em minha juventude vagueando com as companheiras da tua idade. Eu olhava-te ao passar, e muito tempo depois de me afastar, ainda te ouvia rir. Ah! tive até o secreto desejo de te tomar por esposa. Reconheço-te. Porque não envelheceste? Os fructos do teu amor dão a morte e és a eterna perdição. Os teus olhares, não obstante, têm a mesma viveza, e a tua pelle é sempre semente saborosa e fresca como as fructas silvestres da primavera. Oh! deixa-me! A minha barba só tem fios brancos, o sangue lateja-me frio nas veias, e a tua imagem, volvidos trinta annos, não me tenta já, porque me despojei de todas as miserias dos homens. Vai-te! Rogarei por ti, minha irmã.

Ao acabar de proferir as palavras «minha irmã», teve o presentimento de haver peccado e de ser uma falta o seu enternecimento. Não se achava em estado de graça, pois que o assaltavam aquellas distantes e despreziveis recordações.

Lançou mão á corda que lhe sustentava o cilicio em redor dos rins, e flagellou-se rapidamente. Depois caiu novamente de joelhos elevando a alma a Deus. Mais ainda com a fronte prostrada para o solo, e por mais ardente que fosse a sua invocação, tornava a ver a esplendida imagem. Baixou as palpebras e viu a ainda. A triste choça estava como que illuminada.

— Meu Deus! — exclamou o santo. — E' esta quem eu queria para mulher. Despedacei o coração, tenho vivido no desterro, renunciei á suave almofada do meu collo para pousar a cabeça nas pedras do deserto; mas sou seu cúmplice, pois que o meu espirito permite que volva á minha memoria, e o teu servidor acceita a irremissivel condemnação, sómente por havê-la reconhecido. Mas tira-a agora de minha presença, e eu jejuarei durante quarenta dias e durante esses quarenta dias não dormirei.

Levantou-se; ella não mudára de lugar. Compreendeu que o Senhor o abandonava á sua propria cordura; quis flagellar-se outra vez, mas viu que ella se sorria. Então a colera cegou-o, e caminhou para a fêmea e ergueu a corda, que silvou no ar e caiu sobre a tentadora.

Pensava que esta ia desaparecer, mas ella não fez um movimento. Antonio viu duas lagrimas rolaem-lhe pelas faces, e como sobre ella deixou de novo cair o braço, pôde verificar que não estava nua. A sua tunica luminosa caía-lhe sem uma prega desde os hombros aos pés. Julgou ter acabado de aggravar a sua culpa, e, por um estranho milagre, embora ella não houvesse despregado os labios, ouvia-a falar distinctamente.

— Não, não envelheci — dizia. — A vida deslisa e eu estou sempre bella. Não são os fructos do meu amor que dão a morte, mas as doutrinas do deus a quem rogas.

— Tu blasphemias — pensou o santo.

— O Creador fez-me á tua semelhança — proseguiu ella. — Soffri como tu em meu coração inquieto e em minha carne maguada. Eu tambem quis matar em mim o desejo, mas Deus não o quis, pois que não me ajudou. Sou mais poderosa do que elle; sou a lei de amor que põe em marcha os astros e que amanhã pode fazer florescer neste deserto uma immensa selva viva. Vem! Dar-te-ei a tranquillidade, curar-te-ei das tuas duvidas; a minha carne é um mar de esquecimento.

Conduzir-te-ei ás soberbas cidades onde os sabios te ensinarão que nada ha acima de mim, em quem nasce e morre a causa do mundo.

— Impia! sacrilega! maldita! vociferou Antonio, levantando-se.

A mulher estava sempre imovel, mas de novo parecia nua. Bateu-lhe com todas as suas forças.

— Malvada! gritava; — não quero a vida que tu dás, e detesto a alegria que provém dos teus beijos. Tenho sede das infinitas doçuras do paraíso, quero beber na torrente sagrada, e tu offeres-me o arroio de lodo em que te revolves. Vai te, putrefacção, immundicia de Satanás!

A corda girou de novo, caiu, levantou-se e tornou a cair outra vez.

— Não me baterias — parecia dizer ella — se eu não fosse mais forte do que tu.

Tendo-a fixado, reparou que estava contusa e que chorava. A corda escapou-se-lhe da mão entreaberta, e quando ia por-se de novo a orar, pôde ver as chagas que a sua colera fizera estender e abrir numa mystica floração de rosas. Ella estava completamente coberta como com um sumptuoso vestido de primavera, e a cada instante outras rosas lhe nasciam em todo o corpo.

— Ah! — disse o santo desanimado! — Deus já não me sustem!

As rosas continuavam florindo. Havia um fôfo leito sob os pés da dolente creatura.

Então o solitario duvidou amargamente, abriu a porta e saiu.

Findava a noite. Um pesado silencio entristecia o deserto, e na sua frente, na immensa planura, não havia outro testemunho de vida senão o vento fresco que vinha do mar proximo e que inclinava, ao passar, as escassas hervas collocadas entre as pedras, já seccas com o sol.

J. T.

## TUDO MUDA

TUDO muda, tudo é movel no Universo, porque o movimento é a condição mesma da vida.

Outrora os homens, que o isolamento, o odio e o medo deixavam na sua ignorancia nativa, enchendo os do sentimento do sua propria fraqueza, só o immutavel e o eterno viam em redor.

Para elles, o céu era uma abobada solida, um firmamento no qual estavam pregadas as estrellas. A terra era o firme alicerce dos céos e só um milagre podia fazer oscilar a sua superficie; mas desde que a civilização prendeu os povos aos povos numa mesma humanidade, desde que a historia atou os seculos aos seculos, desde que a astronomia, a geologia fizeram mergulhar o olhar em bilhões de annos para traz, o homem deixou de ser isolado e, por assim dizer, de ser mortal. Tornou-se a consciencia do impercível universo. Não relacionando já a vida dos astros nem a da Terra com a sua propria existencia tão fugitiva, mas comparando-a com a duração da raça inteira, e com a de todos os seres que antes delle viveram, viu a abobada celeste revolver-se num espaço infinito e a Terra transformar-se num globosinho girando no meio da via lactea. A Terra firme que elle pisa aos pés e que julgava immutavel anima-se e agita-se, as montanhas levantam-se e abaxam-se: não são sómente os ventos e as correntes oceanicas que circulam em roda do planeta: os proprios continentes deslocam-se com os seus cumes e valles, põem-se a caminhar sobre a redondeza do globo. Para explicar todos esses phenomenos geologicos, já não ha necessidade de imaginar mudanças subitas do eixo terrestre, abaixamentos gigantes. De ordinario não é dessa forma que procede a natureza: é mais calma nas suas obras, modera a sua força e as mais grandiosas transformações fazem-se sem o conhecimento dos seres que ella sustenta. Eleva as montanhas e enxuga os mares sem perturbar o vôo dum mosquito.

Certa revolução que parece a queda dum raio levou milhares de seculos a completar-se. E' que o tempo pertence á Terra: renova todos os annos, sem se apressar, o seu adorno de folhas e flores, do mesmo modo remoça, no decorrer das edades, os seus continentes e passeia-os lentamente pela sua superficie.

Eliseu Reclus.

Iluminar o espirito é um dever; alimentá-lo é uma obrigação — *Elisa R. de Loureiro.*



Eliseu Reclus

Eliseu Reclus que, universalmente, é apenas conhecido como o maior geographo do mundo, foi não obstante um sociologo eminente, um propagandista entusiasmado da moderna escola sociologica — o anarchismo.

Verdadeiramente bom, conhecedor da Natureza e seu ardente amante, espirito de poeta e sabio conjunctamente, a sua fe na realização do seu ideal social, todo feito de luz e de amor, poder-se-á aquilatar por este periodo de uma conferencia sobre a anarchia, por elle pronunciada em 1894, na loja maçonica *Amis Philantropes*, de Bruxellas:

«... Em face destas evoluções profundas, irresistiveis, que se realizam em todos os cerebros humanos, que simples, que falhos de

sentido parecerão aos nossos descendentes estes protestos furibundos que se lançam contra os innovadores!

Que importam as palavras grosseiras que vomita uma imprensa obrigada a pagar com boa prosa os subsidios que recebe?!

Que importam até os insultos sinceramente proferidos contra nós, pelos devotos «santos, mas simples», que levaram lenha ás fogueiras de João Huss?!

O movimento que nos arrasta não é obra de energúmenos ou de sonhadores, mas da sociedade em seu conjuncto.

E' necessario para a marcha do pensamento; chegou a ser fatal, inevitavel, como a rotação da terra e dos céos.

## Odio aos tyrannos

No dia 13 de outubro, os jornaes de larga informação foram acordados pela sensacional noticia de que Francisco Ferrer fóra fuzilado nessa madrugada, em Barcelona, nos fossos do castello de Montjuich.

Ao saber-se no mundo essa noticia, o odio explodiu, formidavel, contra aquellos que ordenaram semelhante assassinato: Alfonso, Maura e La Cierva.

Com effeito, esse rei, serventurio do papa, moço dos jesuitas, tendo a seu lado a Tyrannia de Maura e a monstruosidade de La Cierva; esse rei hespanhol, ordenando, sancionando o fuzilamento desse justo, creou direito ao odio universal e eterno.

*Odio sem termo, odio sem lei,  
Odio sem jugo...*

Odio de cada dia, odio de cada instante. Odio de sempre e para sempre. Odio tanto maior e de repercussão tanto mais dilatada quanto melhor se soube quem fóra o executado e quem foram os executores.

Com effeito, quem é esse rei que mata e esse Ferrer que morre?

Deste sabemos nós que foi um justo e um bom; que amou e foi amado, soffrendo para redimir, numa vida constante de trabalho fecundo. A creação da sua Escola Moderna foi um acto maior que o das victorias de Alexandre. Porque essa escola, que logo se diffundiu e dilatou em vasta sementeira de verdades, fez o que nenhum general ainda conseguiu: deu á criança uma alma nova. A Escola Moderna foi verdadeiramente um novo mundo que se abriu. Foi um rasgo de luz sobre uma noite tenebrosa.

Ferrer determinou que nas suas escolas se irmanasse sempre o ensino com as leis naturaes, proclamando a toda a hora esta verdade suprema: «A virilencia é a razão da ignorancia.»

Outra coisa affirmava ainda o grande educador. E era: «Esperando, nada se fará.»

Por isso a sua obra triumphou. Por isso elle via sempre ir a bom termo as nobres ambições do seu espirito. A sua grande fortuna, que adquiriu em Paris, duma das suas discipulas, não lhe pertencia: era da sua escola, era dos seus alumnos.

Delle era apenas a natural bondade do seu coração, a lucidez do seu espirito, a rectidão do seu proceder, a nobreza dos seus sentimentos, a paz da sua consciencia e a independencia moral da sua vida, irmã gemea da sua obra.

Homem do direito e da razão, Ferrer tudo lhe sacrificou. A sua Escola Racional é mais que o esforço duma vida para a victoria da razão: é o esforço, conjugado, de muitos homens de acção, chamados a cooperar na obra redemptora, pelo esforço de Ferrer.

Quem era ainda Ferrer?

Ah! como poderei eu traçar em breves linhas o perfil admiravel desse justo, que toda a vida andou amando e libertando, indo ser morto, pelas balas da Ordem, na noite intrasmitavel dum castello?

Foi um heroe e foi um martyr. E porque foi um espirito de amor e de justiça, um apostolo do bem e da verdade, a sua esttua ficará bem ao lado das de Giordano Bruno e Galileu, junto das de La Barre e João Huss. Isto quanto a Ferrer.

Respeitante ao seu executor, sabemos apenas que nasceu nua beata, que o tivera dum rei já canceroso. Sabemos que a sua carne, como a do seu antepassado Felipe II, começa já a decompor-se. Um medico, em Biarritz, operou-lhe o nariz; mas pouco depois, diz um escriptor hespanhol, o tuberculo invadiu-lhe

os ouvidos e lentamente foi corroendo os ossos dessa região, até chegar ao actual estado, que é deveras inquietador.

Quer dizer: é um avariado. E' um organismo em decomposição. E' uma pustula.

Não me rio por isso, porque eu nunca me rio daquelles a quem odeio. E eu tenho odio, um odio immenso, um odio santo a esse rei que mata.

Eu trago para aqui essas mazellas apenas para accentuar que quando um tyranno chega a isto — a apodrecer, continuando a ser chefe dum povo — já não é chefe, é cancro; já não é rei, é monstro.

Digno de dó? Não. Nem mesmo que a sua carne se decompuzesse na indifferença da historia. Por isso, este rei, pela demencia do seu gesto, tanto como pela incompetencia moral da sua vida, é unicamente digno de odio. Mas desse

*Odio estridente,  
Odio que abraça e que ensanguenta  
A bocca em braço dos clarins.*

Odio que vá, como o do velho Ugolino, através do tempo e da historia, devorando o cerebro do monstro, a alma do tyranno.

Porque, reparem nisto, quem mata um innocente compra o direito de ser morto por sua vez, porque isso era nada; compra o direito de ser amaldiçoado e odiado emquanto sobre a terra houver de si memoria.

Eu bem sei que matar é adquirir o direito de ser morto. Quem desembainha a espada, para vibrar um golpe, não se deve admirar se for cair sob identico golpe. E' o direito da justiça, a retribuição da consciencia, ou, se o quizerem, a fatalidade do destino.

Que quero eu dizer? Isto apenas: que esse rei e esse papa, cuja moral ditou a lei que tanta victimas tem feito, que tanto innocente tem condemnado á pena ultima e que acabam de fabricar, pela mão dos ministros e dos frades, a arma que fuzilou Francisco Ferrer, hão de ter tambem a sua hora.

A sombra negra das suas vestes creou no mundo a noite do abysmo. Pois bem: elles cairão nessa noite de abysmo que creamos.

E com elles decerá tambem o seu irmão mais velho, esse frade hespanhol que desde Loyola e Torquemada não deixou ainda, um só momento, de presidir aos destinos da Hespanha. Sem elle nada se faz, nada se fez ainda. Tudo elle prepara e prevê e applaude, sobre o altar, com a hostia na mão, falando em Deus e em amor. Em Deus para dispor do inferno, e em amor para espalhar o odio. O exclusivo de Deus para punir, para vingar, para causar o horror, a desolação e o exterminio. O amor evangelico para na sombra realizar o seu instincto de fera, a sua obra satanica, e o seu gesto aniquilador de todo o bem, de toda a luz, de todo o amor.

Por isso é que eu, pensando naquelles que fuzilaram Ferrer, tenho sempre este grito, que a todos vou levando e repetindo com vehemencia:

*Odio ao pirata, odio ao bandido,  
Odio ao ladrão...*

Agora, que faremos?

Eu abenço as balas que atravessaram Ferrer. Foram as balas do tyranno, mas nem por isso deixaram de ser tambem as balas do destino. Ellas o immortalizaram; ellas o glorificaram, ellas o ergueram perante a humanidade, que hoje o saúda e o abençoa como um dos seus grandes benemeritos, como um dos seus filhos immortaes.

Ferrer, morto por tyrannos assim, é Ferrer divinizado. E a sua Escola Moderna, fechada pelas imposições do jesuita, ou melhor, com

a tranca do frade, é a Escola Moderna aberta ás cinco partes do mundo.

Por outro lado a fortuna de Ferrer arrebanhada pelo frade hespanhol, é a bolsa do mundo aberta para todo o soccorro: para ensinar e libertar, para crear escolas e levantar estatuas, para tecer coroas e glorificar heroes.

Por isso esta oração tem duas partes:

*Odio aos esbirros que o prenderam,  
Odio aos tyrannos que o julgaram,  
Odio aos bandidos que o mataram,  
Odio aos piratas que o roubaram.*

*Mas a bençam das almas,  
Mas o perdão dos homens,  
Mas o beijo de amor  
Para a bala de chumbo que o matou.*

Thomaz da Fonseca.

## Sonho de Platão

Platão sonhava muito, e muito tambem sonharam os homens depois. Sonhou que antigamente era dupla a natureza humana, e que foi dividida em macho e fema em castigo das suas culpas. Provou que não podia haver mais de cinco mundos perfectos, porque em geometria só ha cinco corpos regulares. Um dos seus melhores sonhos é a sua Republica. Tambem sonhou que o somno é gerado pela vigilia e a vigilia pelo somno, e que quem contempla um eclipse, não sendo numa bacia de agua, fica infallivelmente cego. Então a sonhar grangeavam os homens grande reputação. Não é dos menos interessantes o sonho seguinte que elle teve.

Pareceu-lhe que, tendo o grande Demiurgos, o geometra eterno, semeado de globos innumerados o espaço infinito, quis experimentar a sciencia dos genios que tinham sido testemunhas das suas obras, e deu a cada um um pedacinho de materia para que a coordenasse, como se Zeuxis e Phidias tivessem encomendado aos discipulos estatuas ou quadros, se é permitido comparar as coisas pequenas com as grandes.

Coube em sorte a Demogorgon o pedaco de barro chamado Terra, e tendo-a elle coordenado do modo que vemos hoje, jactava-se de ter feito uma obra prima, com a qual julgava haver vencido a inveja e merecer elogios dos seus proprios companheiros, e ficou attonito quando estes o acolheram com assobios. Disse-lhe um delles, zombador chocarrero:

«Não ha duvida que trabalhaste bem; separaste o teu mundo em dois, e deixaste um vasto espaço de agua entre os dois hemispherios, para entre elles não haver communicação. Sob os teus dois polos morrerão de frio, e de calor na tua linha equinoccial. Não me desagradam os teus carneiros, vacas e gallinhas; mas, com franqueza, gosto pouco das tuas aranhas e serpentes. As tuas cebollas e alcachofrs são boa coisa; mas qual era a tua intenção, cobindo a terra de tanta planta venenosa, a não ser envenenar os seus moradores? Creio que formaste umas trinta especies de macacos, muitas mais de cães, e só quatro ou cinco de homens: verdade é que a este ultimo animal deste o que denominas a razão; mas em consciencia, tão ridicula é a tal razão, que se aproxima da loucura. Parece-me que pouco te importa este animal de dois pés, a quem deste tantos inimigos com tão pouca defesa, tantas doenças com rão poucos remedios, tantas paixões com tão pouca cordura. Não queres decerto que se multipliquem demais na Terra, pois, á parte os perigos a que os expueste, de tal modo os dispueste, que um dia virá em que a variola levará annualmente o decimo da especie, e a syphilis envenenará o manancial da vida nos nove decimos restantes. Como se tal não bastasse, de tal forma os organizaste, que metade dos sobreviventes passarão o tempo em questões, e a outra metade matando se mutuamente. Hão de estar-te por certo muito agradecidos, e podes estar seguro de ter feito um modelo perfeito.»

Corou Demogorgon, vendo que na sua obra havia na verdade mal physico e mal moral; mas sustentou que o bem era mais do que o mal. «A critica é facil, disse elle; mas pensas que seja tão facil fazer um animal que, sendo sempre racional e livre, jamais abuse da sua liberdade? Pensas que, devendo alguém fazer brotar nove a dez mil plantas, pode facilmente impedir que algumas dellas tenham propriedades nocivas? Imaginas que com certa quantidade de agua, areia, lama e fogo, possa deixar de haver mares e desertos? Tu acabas, senhor toxicista, de coordenar o planeta Marte; havemos de ver que tal estão as suas duas grandes

faixas e que lindo effeito fazem as suas noites sem lua; havemos de ver se os seus habitantes não adoecem de loucura nem de enfermidade alguma.»

Com effeito, Marte foi examinado e o zombador soffreu uma descarga cerrada de picuinhas. Não caíram menos criticas sobre o genio adusto que amassára Saturno, e o mesmo succedeu aos outros collegas, fabricantes de Jupiter, Mercurio e Venus. Escreveram-se opusculos e folhetos, correram epigrammas, compuseram-se coplas, ridiculizaram-se uns aos outros, e exasperaram-se os partidos até que lhes impôs silencio o eterno Demiurgos, dizendo: «Todos vós fizestes coisas boas e más, porque tendes muita intelligencia e sois imperfeitos; as vossas obras não durarão mais do que algumas centenas de milhões de annos, e depois, mais instruidos, as fareis melhores: só a mim compete fazer coisas immortaes e perfectas.»

Isto ensinava Platão a seus discipulos. Apenas acabou de falar, disse-lhe um delles: «E então despertaste.»

Voltaire

## As duas estatuas

A sua historia, foi uma historia vulgar. Filho de um matrimonio Peres, ou Lopes ou Rodrigues, nasceu entre os macios brocados de um leito de burguezes e cresceu na opulencia, rodeado de cuidados, de carinhos, de mimos.

Educado esmeradamente, prolixamente, ao sair do seminario encontrou-se de repente no meio do grande mundo, cujas portas se franquearam logo ante o «*césamo, abre-te*» de seu titulo de futuro millionario, que não tardou em conquistar-lhe a admiracão de todos os homens e a sympathia de todas as mulheres.

Erigido em idolo pela magia do ouro, convertido em criança mimada da melhor sociedade, exhibiu pelos salões suas elegantes exquisites de joven libertino, até encher os seus memoranduns de moderno Tenorio com os nomes interminaveis de suas mulheres burladas e de seus mortos em desafio.

Provocou escandalos, bateu-se mil vezes e, assim entre orgias e conquistas e duelles, viveu uma vida inutil, desbaratando felicidades e enodoando honras, amparado sempre já por uma fama de consummado esgrimista, já pela magia maravilhosas das suas moedas de ouro.

Morto seu pai, vendo-se dono absoluto de uma colossal fortuna, pensou finalmente em fazer-se *homem de bem*. Esqueceu as orgias, retirou-se do grande mundo e passou o resto da sua vida entre as quatro paredes do seu escriptorio de banqueiro, consagrado aos seus licitos negocios, já monopolizando artigos de primeira necessidade, já emprestando generosamente a cem por cento...

Quando morreu, a boa sociedade, reunida em volta da camara ardente, descobriu que em toda a sua vida tinha sido um phylanthropo o millionario que acabava de fallecer; e, passados alguns mezes, levantava se no meio da praça do meu povoado, sobre um pedestal de granito, a obesa figura daquelle santo varão, que consagrou a sua vida inteira a remediar misérias, a enxugar lagrimas...

O povo inteiro desfilou naquella dia em frente á estatua, e, entre o povo, o meu professor e eu.

— Vês — disse-me o bom velho, indicando com o dedo o monumento que se acabava de descobrir. — Observa! aprende! comprehende!

A historia do outro, não foi menos vulgar, por certo.

Engendrado, sem duvida, em uma orgia de lupanar, nasceu talvez na rua, quiçá em um hospital, quem sabe se num carcere... Elle nunca soube onde nem de quem nasceu.

Cresceu... pelo mundo vagabundeando pelos portões, dormindo pelos humbraes. Educou-se no presidio e ahí aprendeu os evangelhos da canalha, talvez dos labios do seu proprio pai. Mais tarde, já homem, já malfetor diplomado, viveu a vida tal como a ensinaram: vagabundeando pelos caminhos, assassinando, roubando e fazendo o «prato do dia» dos diarios noticiosos que, por muito tempo, encheram as suas columnas com os relatos sangrentos das suas barbaras façanhas de bandido execravel.

Um bello dia, a policia apoderou-se, por fim, delle. Levaram-no ante os juizes, condenaram-no á forca e, passadas algumas semanas da inauguração da estatua

## LA RUCHE — A familia reunida



Fundada em outubro de 1905, por Sebastião Faure, em Rambouillet (Seine et Oise), França.

do virtuoso phylanthropo, appareceu uma manlhã balouçando-se em frente della, á maneira dum supplemento, o corpo do malfetor justicado, exposto pelas autoridades á publica vindicta.

Recordo-me como se fosse ha uma hora.

Pendurado em frente da estatua, no outro extremo da praça, com os punhos cerrados e os olhos quasi fora das orbitas, parecia examinar o seu vizinho, com um gesto de ira, de desprezo, de rivalidade.

— Vês — tornou a dizer-me o bom velho, com o mesmo gesto que da vez anterior. — Observa!... aprende! comprehende!

Observa! Apprende! Comprehende!

\*\*\*

Passaram-se, depois daquelle, muitos annos; eu abandonei a minha aldeia; tenho percorrido muito, tenho visto muitas estatuas e muitos justicados, tenho observado e apprendido muito... mas nunca comprehendí.

E estou quasi seguro de que morrerei sem nunca ter comprehendido!

Ernesto Herrera



## LUIZA MICHEL

Para falar desta mulher que na luta contra o despotismo foi de uma intransigencia admiravel, e no seu amor á humanidade foi de uma abnegação nunca igualada, seria preciso um largo espaço de que não dispomos. Por isso, e melhor do que nós o fariamos, falará a seguinte proclamação afixada nas esquinas de Paris, antes do seu funeral que foi imponentissimo, pois que a elle assistiram, mais de 200.000 pessoas:

«Ao povo de Paris. — Luiza Michel morreu! Admiravel de abnegação e de heroismo, foi uma creatura excepcional, das que honram a humanidade. Na nossa época de decomposição social, de arrivismo desenfreado, de frio egoismo que gangrenou mesmo os novos, esta mulher ficou até á idade de 70 annos a ardente evangelizadora da emancipação social. Luiza Michel encarnou e sublimou todo o Bello Humano: a generosidade, a bravura, a abnegação, tudo realçado pela mais nobre simplicidade. Durante o imperio, ainda muito nova, foi a educadora desvelada

dos filhos do povo e o seu nobre coração compadecia-se dos desgraçados. Professora diplomada poudo começar a comprehender como as alegrias dos ricos são tantas vezes ligadas á desgraça dos pobres; e collocou-se ao lado dos lutadores para destruir o cesarismo com a idéa numa sociedade melhor.

Nas horas sombrias de 1870-1871, Luiza Michel foi enfermeira nas ambulancias, cuidando dos feridos, durante os combates, sem recear a metralha; depois, quando a reacção versalheza tentou estrangular Paris, pegou numa espingarda e combateu nos fortes de Issy, de Mouligneux, nas barricadas, em defesa do direito social e da liberdade.

Quando os fuziladores victoriosos transformaram Paris num vasto campo de carnagem, essa mulher valente podia ter fugido como tantos outros; mas, sabendo que sua mãe estava presa como garantia, não hesitou um momento e apresentou-se á prisão. Deante dos conselhos de guerra esbofetou os juizes com as suas respostas cheias de coragem e dignidade.

Luiza Michel deu uma lição de virilidade ante o conselho de guerra, depois da Communa, a muitos sublevados que, vencidos, presos e processados, tratavam de ludir a responsabilidade dos seus actos: «Eu não quero ser defendida, disse ao tribunal, e acceito a responsabilidade dos meus actos. O que peço é para ser conduzida ao campo pe Satory, onde foram conduzidos e metralhados os nossos irmãos. Já que, segundo parece, não ha mais direito para todo o coração que bate pela liberdade que um pouco de chumbo, eu peço a minha parte. Se não quereis ser uns vis, matai-me...»

Ante a cobardia abjecta dos nossos dias, que melhor confortativo do que estes exemplos de abnegação, para quem os ideacs são mais alguma coisa do que a banalidade de uma palavra?

## A orgia dos amos

... Repetiremos as nossas queixas, a nossa austera esperanza, nós que olhamos sem remorso a terra onde dormem os mortos.

Clovis Hugues

SIM, amigos, todos iremos para deante sem vacillação, de mãos dadas, pensativos e com a fronte erguida; mas não inspirados no amor que em horas de agonia o povo deve a esses poetas loucos, alegres, que mallogram os formosos e saltares fructos do ideal humano. De odio é que necessita a nossa esperanza austera... Nós todos passamos sem remorso sobre a terra saudando os mortos.

— O odio pela orgia em que se revolvem os amos, pelas suas traficancias sem nome, pelas suas mentiras vergonhosas! O odio pela mascara que cobre o seu rosto; pelos beijos ruidosos que pagam aos padres; pela lama repugnante em que fermentam os beneficios, os lucros, os negocios, o sangue, o negro mysterio... Nós todos passamos sem remorso sobre a terra saudando os mortos.

— Odio pela caçada que passa louca e uivadora, os cães sobre a caça, sobre os cães os excitantes caçadores, todos embriagados, sedentos, deitando espuma pela bocca. Matilha aterrizada, perseguida, pelo espanto, presentindo que os servos, cançados pela miséria, serão por fim os vencedores... Nós todos passamos sem remorso sobre a terra saudando os mortos.

— O odio pela orgia indescrivel, cynica, immensa. A luta dos fartos contra os famintos; o carnaval que se exhibe e que dança aqui sobre as tumbas, lá em baixo a forca; o manicomio que illumina enquanto o arrabalde jaz na sombra. Ha festa no matadouro e silencio nos latibulos... Nós todos passamos sem remorso sobre a terra saudando os mortos.

— Da pocilga e da manjedoura, onde póde prosperar e prospera todo o grosseiro e vil, saem legiões de seres contrafeitos, duvidosos e repugnantes; para ver como se devoram entre si, espectáculo feroz, saem do antro o leão, o tigre o chacal e a pantera... Nós todos passamos sem remorso sobre a terra saudando os mortos.

— Passaram já os tempos das largas saturnaes! O povo espera, e enquanto os nossos grupos angmentam, o velho mundo cntra na agonia, os dictadores respiram os seus ultimos estertores e o carcomido poder estala, debil, debaixo do peso dos tyrannos. O odio ao mal refresca a terra... Nós todos passamos sem remorso sobre ella saudando os mortos.

— E esse odio ardente é puro como a luz; ignora o nome da matilha e do amo; vai mais longe e olha mais alto; mas, sem se manchar, delles livrará o mundo, á maneira como se destróem os vermes, queimando os farrapos. Velhas leis, réde que nos opprime, para traz! Nós todos passamos sem remorso sobre a terra saudando os mortos.

Luiza Michel

## La Ruche

(A Colmeia)

E' a «obra de solidariedade e de educação» fundada por Sebastião Faure, em outubro de 1905, numa herdade do Paris, perto de Rambouillet no departamento de Seine et Oise, França, — obra elevada e meritoria, cujas prosperidades todos nós devemos desejar. «Nós queremos — diz A. Dunois — para a sociedade nova um homem melhor, um homem novo. Formemo-lo desde já com a criança. Para a sua empreza de obscurantismo e sujeição, a Egreja e o Estado comprehendem admiravelmente que era necessario apoderarem-se da criança afim de terem um dia os homens. O futuro pertence ao pedagogo, ao educador, áquelle que melhor souber falar á criança e fazer-se entender por ella.»

Chama-se Colmeia «primeiro porque cada um na medida das suas capacidades ahí trabalhará, depois porque os rapazes e as raparigas que de lá saíam irão, como os enxames novos, espalhar, um pouco por toda a parte, o puro mel das idéas sãs e dos sentimentos generosos.»

O autor de *Os meus dez dias em Paris*, Dr. Campos Lima, que a visitou em abril de 1906, narrando as suas impressões, escreve: — «Na aula não ha logares marcados. As crianças sentam-se onde lhes bem parece, sem distincção de sexos nem preferencias. Cada aula dura o maximo uma hora, e as crianças tem a liberdade de a deixar logo que queiram. Em vez de lições marcadas e impostas, as crianças estudam voluntariamente quanto querem e quando querem. Tem este systema dado os melhores resultados. todas as crianças procuram merecer a estima com que são tratadas, applicando-se ao estudo, e ao passo que o vão fazendo voluntariamente, o desenvolvimento da sua energia individual opera-se mais de prompto. De resto, como o terror dos castigos as não torna supersticiosas, a sua intelligencia é clara e adapta-se á instrucção com maior facilidade.»

«E são ellas mesmo que interrogam o professor em vez de ser este quem as obriga a responder materialmente a perguntas incomprehensíveis, formando-se assim o espirito de investigação intellectual... A instrucção primaria é dada até á idade de doze annos, e na colonia [por enquanto a criança mais velha tem apenas onze. Dos doze aos quinze annos as crianças, ao mesmo tempo que continuam os seus estudos, apprendem um officio. Atingido esta idade a criança tem a liberdade de deixar ou permanecer na Ruche.»

As crianças levantam-se ás 7 horas da manhã e deitam-se ás 9 horas da noite. O seu dia é assim dividido: *manhã* — das 7 ás 8 aseo pessoal e almoço, das 8 ás 11 lições e estudos, ás 11 jantar, e em seguida recreio; *tarde* — da 1 ás 4 lições e estudo, ás 4 merenda, das 5 ás 6 lições e estudo; *crepusculo* — ás 6

ceia, em seguida recreio até ás 8, e das 8 ás 8 e meia ou 9 limpeza, e em seguida deitar. Como se vê, o tempo consagrado a lições e estudo é diariamente de 7 horas, — 3 de manhã e 4 de tarde. Por «lições e estudo» entende-se tudo quanto contribue para o desenvolvimento physico, moral ou intellectual da criança, — todos os exercicios physicos e todos os pequenos trabalhos manuaes, tanto como as aulas propriamente ditas. As crianças, sem distincção de idade nem de sexo, fazem por turnos serviço de cozinha, limpeza da casa, etc. Não há classificações, nem boas notas, nem premios, nem castigos. A severidade, a disciplina e a violencia são desconhecidas.

Terminaremos com as seguintes palavras do proprio Faure, que synthetizam o seu plano de educação: — «Por meio da vida ao ar livre, por um regimen regular, hygiene, limpeza, passeios, desportos e movimento, formamos seres saos, vigorosos e bellos. Por meio de um ensino racional, pelo estudo attrahente, pela observação, a discussão e o espirito critico, formamos intelligencias cultas. Pelo exemplo, pela bondade, a persuasão e a ternura, formamos consciencias rectas, vontades fortes e corações affectuosos.»

### A PROVIDENCIA

Na chamada «sabedoria das nações», essa tão contradictoria sabedoria, tenho notado, quanto á confiança na celeste providencia, duas correntes oppostas que se podem exprimir por estes annexins:

— Mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga (Ou: O homem põe e Deus dispõe).

— Fia-te na Virgem e não corras e verás o trambolhão que levas.

São rarissimos os que seguem á letra uma destas maximas. A maior parte dos bipedes primatas são pessoas circumspectas, nem cá nem lá, pessoas de meias-tintas, com um pé no céu e outro no mundo, diabo e carne, pessoas cheias dum eclectismo ajuzado. Ainda não conseguiram desprender-se da crença amortecedora numa providencia desvelada e protectora, ou não ousam declarar-se emancipados, por medo do vizinho. Quando muito segredam-nos ao ouvido: Aqui para nós, não acredito em nada destas historias. A vida é dura, e quem não luta morre.

Dahi a fortuna de certos adágios conciliadores: — Deus disse: Trabalha, que eu te ajudarei. — Deus é bom, mas mora longe...

Estas conciliações são, sob outro aspecto, as que se tentam entre a infinita bondade, a sabedoria infinita dum Deus-Providencia e a realidade pavorosa do mal humano! São absurdas. E a gente que as usa é inconsistente e illogica.

Ha pouco tempo, contaram-me com espanto que um homem, profundamente religioso — creio que methodista — recusara terminantemente, durante uma grave enfermidade de que lhe resultou a morte, quaesquer soccorros medicos, que elle considerava offensivos á sua confiança na divina providencia, á sua firme esperança numa recompensa de alem-tumulo.

Pois bem! esse homem mostrou os terriveis effectos do providencialismo, mas foi tambem terrivelmente logico. Quantos homens ha que tenham a coragem de aceitar assim todas as consequencias das suas ideias, que não caminhem coxeando através do mais putrido pantano de concessões?...

Com effecto, um typo bastante perfeito de providencialista seria talvez aquelle preguiçoso da lenda argelina que Daudet tão deliciosamente nos deu em boa prosa franceza: o velho que esperava, deitado debaixo duma figueira, que de cima lhe caísse o alimento.

E ainda o indolente árabe não ia até ao fim... O verdadeiro crente, longe de imitar o papa que utiliza os serviços de sciencia, deveria condemnar absolutamente o esforço, esperar o maná ou sustento trazido pelas aves do céu, e em ultimo caso o soffrimento, com a respectiva indemnização celeste...

A propria oração, condemnada. Ella é herética. Que blasphemia mais offensiva do que pretender dobrar com supplicas a inflexivel, a infallivel justiça dum juiz que previu desde toda a eternidade a sentença inappellavel que vai pronunciar?...

O crente deve deixar-se ir como as folhas levadas pelo vento, «ao Deus dará», deve confiar, esperar, e quando muito apenas deve fazer o necessario esforço para murmurar resignadamente: — Seja o que Deus quiser!

Ninguém é logico, porque lho impede o instincto de conservação, a vontade de viver, em luta contra as forças inconscientes que o rodeiam. Não há conciliação possivel entre a actividade e a immobildade, entre o esforço e o abandono da iniciativa: um destroe o outro. A vida é a victoria do primeiro sobre o segundo. O meio ambiente procura absorver-nos e nós resistimos: quem não luta, quem se abandona, quem confia ou espera, succumbe.

E'á medida que o homem ganha em iniciativa, que se alargam os horizontes da vida, e que augmenta a felicidade resultante da vida, equilibrada e sã.

Quando os homens tiverem comprehendido isso melhor do que hoje, um dos resultados será a morte da moral dogmatica, sob o reinado da qual os que porventura possuem uma ética superior são considerados immoraes. Ninguém tratará de curvar os homens a uma regra moral que outros julgarão immoral, sendo cada um immoral para outro.

O que se procurará então é a vida baseada sobre a sinceridade e a tolerancia. Por ella, por essa vida integral, pelo desenvolvimento das facultades do ser humano, pela livre expansão das energias e aptidões, a eterna luta continuará mais vivaz e mais consciente, e o homem procurará o augmento do bem-estar, da sua liberdade, no livre accordo, na solidariedade contra as forças hostis da natureza.

Teremos então a morte da Providencia Divina e do seu herdeiro — o Estado, com todo o seu cortejo de derivados: a Assistencia Publica, a Caridade, a Phylanthropia, tantas vezes mascaradas com o nome de solidariedade, que não é uma deusa providencial, mas um simples meio: uma somma de forças.

O homem ver-se-á só em frente do inimigo, terá de contar consigo proprio, com a sua intelligencia, a sua vontade, as suas forças. E a consciencia da sua situação torna-lo-á mais feliz.

Neno Vasco.

e da prepotencia autoritaria dos esbirros da humanidade, que veio macular e infamar a civilização e fraternidade dos povos livres e emancipados da tutela e suggestão do elemento clerical, o mais prejudicial á humanidade.

Para se ver o quanto esses vampiros da sociedade desconhecem os mais rudimentares sentimentos de amor e caridade, é bastante saber-se que as lagrimas e rogos de uma filha da victima não tiveram o poder de actuar no coração e na consciencia dos carrascos de Francisco Ferrer!

E' que essa gente não tem coração, não tem consciencia. E se os tem, o coração está atrophiado pelo dogma que representa o odio, e a consciencia está cauterizada pelo autoritarismo, que representa

ricial, ao apostolo do moderno ensino! Honra e Gloria a Francisco Ferrer!

Jundiahy, 13-10-1911.

Manoel José da Fonseca

A liberdade perenne é uma conquista permanente. — Guerra Junqueiro.

### DOIS ANOS

Fazem hoje dois annos que, na fortaleza de Montjuich, resouo o sinistro estampido dos tiros dirigidos contra o peito do ultimo martyr do Livre-Pensamento, do grande fundador da Escola Moderna.

Fazem hoje dois annos que o brado da humanidade inteira ecoou unisono protestando contra um rei supersticioso, sem energia para estar á cabeça de uma nação, e sempre agarrado á sotaina dos jesuitas, por ter firmado a sentença de morte de um coração nobre e innocente, quanto desgraçado.

Francisco Ferrer morreu? — Não, porque o nosso coração nunca olvidará tal Genio, porque nos resta a sua Grande e Humanitaria Obra...

Dorme descansado o somno eterno, oh! Grande Mestre, porque a tua Obra será preciosa a todos os que têm sentimentos eguaes aos teus...

Riam se da victoria alcançada, ó perversos abutres, mas, com o sorriso nos labios, tereis sempre sobre a consciencia o peso do remorso de ter assassinado uma creatura innocente. O fantasma de Ferrer perturbará os vossos sonhos, apresentando se a vós com o peito crivado pelas vossas balas.

As suas ultimas palavras foram: Apon-tae direito, meus filhos, sois innocentes, viva a Escola Moderna!...

Este viva terá um eco eterno no nosso coração.

Salto de Itú, 1911

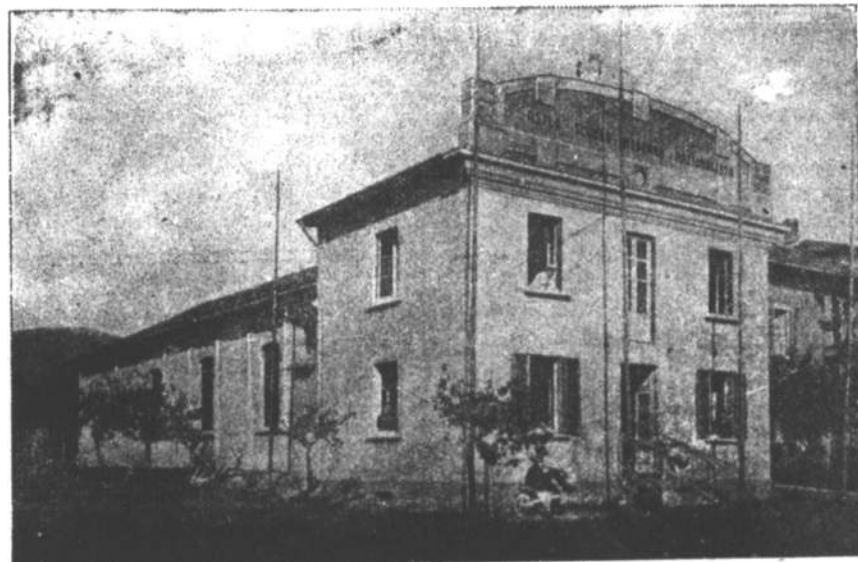
Pedro Linguanotto

### FIRMIN SAGRISTÁ

Dupla homenagem prestamos com a bella allegoria *Idéal*, da nossa primeira pagina: homenageamos Ferrer e tambem o desditoso pintor hespanhol Firmin Sagristá, seu autor, como Ferrer victima da reacção de Hespanha. Como já noticiámos, Sagristá foi ha pouco condemnado a doze annos de prisão, pelo delicto de fazer a allegoria que publicamos e outras tres mais contra o clero e monarchia hespanhóes.

Publicando pois o *Idéal* enviamos o nosso abraço de solidariedade ao infeliz companheiro e extraordinario artista, elevando tambem a nossa voz contra o despotismo de Afonso XIII.

### ESCOLA MODERNA DE CLIVIO, ITALIA



Este edificio construido com o esforço de abnegados trabalhadores, ficou prompto em 1910

### NO TREM DE FERRO

*Vinha sentado gravemente, mudo,  
De olhos baixos, obeso e vejerando,  
Mãos cruzadas no ventre, ruminando  
Velhas rezas ou santo e duro estudo.*

*Ergue o timido olhar, triste; comtudo,  
E' paternal e bom; de quando em quando  
Ao céu o rotve, ao céu que vai passando  
Pelas vidraças, empoeirado. Tudo*

*Nelle respira a fé e cheira a egreja,  
Por todos os seus poros Deus poreja,  
Do seu breviario agora pasta as folhas.*

*Pio varão! para este já começa  
O reino do Senhor!... mas sãe á pressa  
E cáe-lhe da batina — um saca-róthas.*

Lucio de Mendonça.

### A MEMORIA

### FRANCISCO FERRER

DOIS annos são passados por sobre a campa do apostolo do ensino laico, a victima do autoritarismo theocratico na Hespanha — Francisco Ferrer! Esses dois annos não foram bastantes longos para que os povos civilizados olvidassem a triste e funebre tragedia do fuzilamento de um dos maiores amigos da instrucção popular, alma nobre e de elevados sentimentos em prol da educação, do amor, da fraternidade sociaes — Francisco Ferrer! o amigo da liberdade de consciencia, da emancipação do espirito. A sentença que condemnou Francisco Ferrer a ser fuzilado, não foi mais que um assassinato juridico em *desaffronta* de uma lei barbara que já deveria ter desaparecido dos codigos dos povos civilizados.

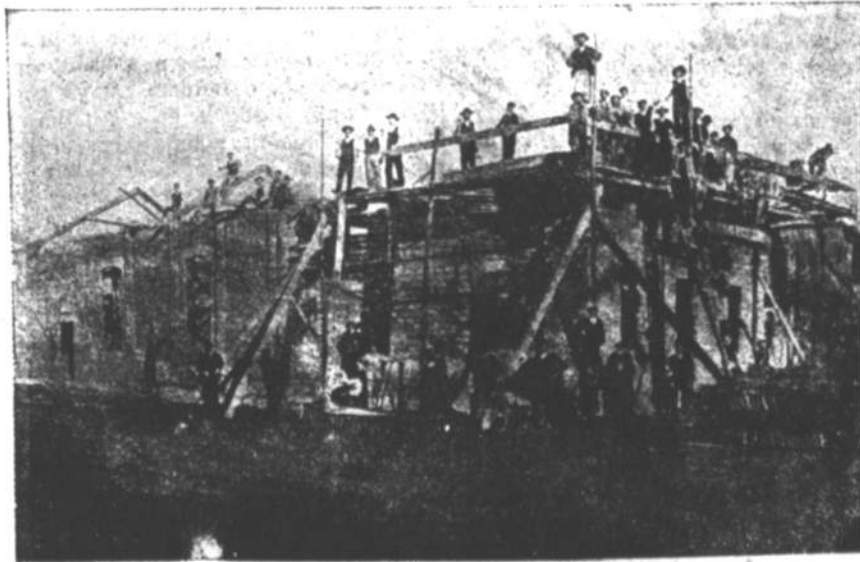
Francisco Ferrer foi uma victima innocente, mas cujo sacrificio estava de antemão planeado pelo elemento clerical que lhe votava um odio entranhado, insaciavel, virulento, esperando occasião oportuna para se vingar de seu maior inimigo, o instituidor das "Escolas Laicas". O que é verdade é que todas as classes de entre todos os povos civilizados e amigos da liberdade de consciencia condemnaram esse barbaio attentado praticado, em nome de uma lei archaica, contra a civilização e fraternidade do seculo XX; e todos, em uma só voz, protestaram contra esse *assassinato juridico*, filho do fanatismo e odio religiosos

a vingança. O odio é o predicado das almas pequenas; e a vingança é o sentimento dos espiritos atrasados, destituídos do nobre affecto do amor fraternal.

Mas não foi a figura bondosa e sympathica de Francisco Ferrer que atemorizou os inimigos da Luz e do Progresso; foram, sim, as cincoenta "Escolas Modernas", por elle instituidas e custeadas, que fizeram tremer em seus fundamentos os inimigos da humanidade.

Desde o triste e nefando *consorcio* do throno com o altar, celebrado no concilio de Nicéa, em 325, sendo o pontificante desse celebre *consorcio* o imperador Constantino, o grande, mas que só foi grande

### ESCOLA MODERNA DE CLIVIO, ITALIA



O edificio quando em construção. — Os trabalhos foram desinteressadamente executados

em seus grandes crimes, a então seita religiosa chamada christã, de perseguida que até ahí fôra, tornou-se a maior perseguidora de todos os que não acceitaram seus sentimentos de *primazia* e *supremacia* entre todas as seitas congeneres, qualificando-se, dahi em diante, "Egreja Catholica, Apostolica, Romana", ou em termos mais breves: "Egreja Papista", que se tornou, no decorrer dos seculos, um cancro social, tendo massacrado, através dos tempos, todos quantos não lhe deram ouvidos, não acceitando suas doutrinas perniciosas, mataudo e queimando em nome de um Deus barbaio e de uma sociedade corrompida e embrutecida pelo fanatismo religioso que tanto mal tem causado ao progresso da humanidade.

Honra, pois, ao Martyr da intriga cle-

### OUTRA BASTILHA

Allons enfants de la Patrie  
Le jour de Gloire est arrivé

«Antes da Revolução — diz Victor Hugo — a construcção social era a seguinte:

Em baixo o povo. Acima do povo a religião representada pelo clero: ao lado da religião a justiça representada pela magistratura.

E neste momento da sociedade humana o que era o povo? A ignorancia. O que era a religião? A intolerancia. O que era a justiça? A injustiça...

A trindade que imperava absorvendo, sugando o trabalho, destruindo, perseguindo a arte e as sciencias, era o clero, a nobreza e o rei.

Foi quando surgiu o livre-pensamento reclamando pela bocca dos philosophos, dos scientistas e dos artistas, o respeito pela dignidade humana.

Grças ao apostolado santo destes racionalistas que se congregaram para nos desvendar os mysterios da natureza e com a critica desassomburada escarpellar as lendas forjadas nos templos, o homem poudo comprehendder a sua superioridade, a sua grandeza ganha no evoluir continuo dos seculos e que progressivamente o levará á conquista da grandeza terrestre. O dogma dizia: «Crê ou morre.» A Sciencia disse com a doçura e tolerancia que caracterizam a razão e a verdade: «Crê se deveres crê.»

E atravez das risadas e o humorismo de suas comedias, Voltaire ensinava ao povo que toda a sciencia do padre é a nossa credulidade.

Os poderosos ouviram, na perturbação da embriaguez, no delirio da orgia, entre o incenso do altar e o perfume da cortezã, entre o tilintar das taças derramando vinho e o ruido dos ferros vertendo o sangue dos opprimidos, os brados que já não eram humildes queixas, mas energicos protestos.

No esplendor oriental de «Versailles», o sultão catholico, como o seu antecessor de Babylonia, viu nitidamente por sobre o marmore, no fundo das taças, nas tapeçarias de seu serralho, as palavras sinistras de maldição e vingança.

E foi então que exclamou: «Aprés moi, le deluge.»

E o diluvio veio, destruiu, inundou, cobriu com seu lençol de aguas purificadoras os escombros do despotismo catholico feudal.

O proletariado unido á burguezia, num gesto sublime de solidariedade, arremessou-se de encontro ás muralhas symbolicas da Bastilha.

As fogueiras inquisitorias foram apagadas com o sangue vil dos chacaes dos mosteiros e solares.

E todos os povos entoaram o hymno da Liberdade:

«Le jour de Gloire est arrivé!»

Engenavam-se.

Tomavam a aurora pelo dia. Passaram-se cem annos. Quando viu o povo despertado do seu lethargo, acordado de seu somno de seculos, a velha Igreja estremeceu. A consciencia humana libertada era o dogma morto. Chamou ás armas a velha milicia, o batalhão negro, os janizares do papa. Resurgiram os jesuitas.

Com a hypocrisia que os caracterizam, não se arremessaram de encontro aos homens da revolução com o impeto cruel e fanatico, mas leal, dos bandidos das cruzadas. Não! Os assassinos de Henrique III e do papa Clemente XIV, os conspiradores de Londres e dirigentes da revolta dos Guaranyes, são prudentes, covardes, machiavelicos!

Acudiram, arrastando-se cuidadosamente, deslizando como o reptil, e começaram por despertar a luta entre o burguez e o operario.

O burguez divorciou-se do povo. Passou-se um seculo,

O jesuita ali está, em toda a parte, em todos os lugares: no templo, no lar na escola; velando sobre o berço, sob a mascara de pae, passando sobre o tumulo como a cruz ou farejando o cadaver como o corvo.

Sempre o jesuita!

Já não se queima o hereje nas fogueiras espectaculosas, nas praças publicas.

Mas fuzila-se.

Mas arrasta-se, attrae-se pelo irresistivel magnetismo das cerimoniaes mysticas, pela suggestão do confessorio.

Onde a differença?

Só uma. O que o jesuita fazia ostensivamente, ás claras, faz hoje occulto na toga do juiz, na farda do pretoriano, sob a figura angelica da irmã de caridade, debaixo do vulto austero do professor ou na horrenda personificação do carrasco.

A Revolução foi a aurora.

O dia da Liberdade está para clarear. Para isso marchemos, unidos sob a mesma bandeira embora com pensamentos diversos, contra a outra Bastilha, maior do que a que caiu no dia 14 de julho de 1789.

Avante contra o Vaticano que negreja immenso, gigantesco Hymalaia que nos occulta o sol radiante da redempção humana.

Sobre a ruina dessa Bastilha é que a humanidade inteira, de posse da felicidade, entoará o hymno da Liberdade, Igualdade e Fraternidade:

Le jour de gloire est arrivé.

Le jour de gloire est arrivé.

Le jour de gloire est arrivé.

Le jour de gloire est arrivé.

Le jour de gloire est arrivé.

Le jour de gloire est arrivé.

Le jour de gloire est arrivé.

Le jour de gloire est arrivé.



FRANCISCO FERRER

A origem da cruz

Os que conhecemos a prehistoria temos podido observar que ao desenvolver-se a animalidade, ao aperfeiçoarem-se as familias inferiores e apparecer o homem, este era tímido, tranquillo e sociavel.

O habitante das cavernas tambem foi sociavel, e só quando a raça humana se foi civilizando appareceu a luta do homem contra o homem, dando prova patente da nossa inferioridade ante os outros animaes, pois não ha nenhuma familia da escala zoologica em que os seus membros se ataquem uns aos outros.

Esta aberração, este absurdo, este barbarismo, estava reservado ao homem, o animal mais orgulhoso e o mais infatuado.

Desde os começos da humanidade se vê que esta não tem tido nenhuma intuição, nenhuma presumpção da Divindade. Tambem esta é um producto da civilização primitiva.

O que a humanidade fez na sua infancia foi admirar demasiado aquillo que a impressionava, pela muita utilidade que lhe reportava, e cuja causa natural não podia explicar. E esta admiração pelos effectos, desconhecendo a sua origem, levou-a á idolatria.

O sol subimos hoje o que é, de que se compõe, a relação que existe entre elle e nós, o papel que desempenha, posto que é agente de vida, dando-nos luz, calor, electro-quimica, dinamica, etc.

E os homens primitivos, desconhecendo isto, mas admirados dos seus effectos e do seu papel protector, adoraram-o.

Jehová é o sol. O sol, em uma forma ou em outra, tem sido adorado sempre. Os chinezes julgam-se filhos do Sol. Na India tem-no por pae do Universo.

Como desde que amanhceu o bosquejano viveu nas selvas e nas costas, familiarizado com isto, o ar e a agua não o surprehendam senão nos casos extremos de furiosos desencadeamentos.

Mas veio uma casual descoberta transformar a placidez do homem criança. Foi o fogo. O fogo não se conheceu nas primeiras gerações, mas n periodo de transformação. Já o homem estava completo, feito como o somos hoje em dia, ainda que com menor potene cerebral, quando conheceu o fogo.

Descobriu-o casualmente esfregando dois paus seccos. Qualquer homem entreteve-se a esfregar dois paus delgados do sobre o outro. Um estava fixo, com o outro livre esfregava sobre o fixo. Deste roçar, saltou a casca e depois brotou a chama. Assim se costumaram a accender o fogo os que conheceram o processo.

Excuso dizer que o fogo foi adorado e reverenciado. Trouxe um progresso enorme naquelles tempos. E ao civilizar-se, a idolatria foi-se desenvolvendo e crearam-se os deuses. O polytheismo tomou corpo. O reino mythologico assentou arraiaes na terra. E daqui nasceu a fabula e a lenda.

Mas os dois paus que deram origem á descoberta do fogo ficaram como symbolo, e em forma de cruz continuaram através os seculos até chegar até nós.

De modo que a cruz é tão antiga, que tem a sua origem na casual descoberta do fogo.

De uma forma ou de outra, figura em todas as religiões, ou pelo menos — porque não quero affirmar tanto — na maioria dellas.

Tambem a cruz como instrumento de supplicio é antiquissima. Dimana da mythologia.

Conta-se que Prometheu roubou o fogo do Olympo, e Jupiter o condemnou a morrer, e depois o pregaram em uma cruz e amarraram a esta com cadeias a uma rocha, no Caucaso.

Portanto, os christãos só fizeram uma copia do que já existia e nas suas lendas fantasiaram sobre coisas já antigas no seu tempo, mas que a ignorancia dos catho-

licos aceita como coisas exclusivas de deus e dos seus representantes.

Todos os ritos, todas as cerimoniaes dos actos do culto catholico são tirados dos ritos pagãos, e muitas vezes adorando o coração de Jesus, seguem as praticas que em outro tempo celebraram para adorar a Minerva, a Diana ou a Venus.

Francisco Ferrer.

"AVENIR SOCIAL"

Um exemplo louvavel de iniciativa individual é o que dá, em Neuilly-Plaisance, perto de Paris, a nossa camarada Madeleine Vernet.

Realmente, áquelles dentre nós a quem macula um pouco o velho peccado de intellectualismo, áquelles que, muito exclusivamente, se comprazem no jogo das ideias e vemos hesitar no limiar da acção — como se receassem que o solo movimento da acção viesse a faltar-lhes debaixo dos pés — que melhor exemplo se podia apontar do que o dessa mulher que, sem apoio, quasi sem dinheiro, mas rica de feivor audacioso, acaba de fundar uma escola laica e livre?

Chama-se *Avenir Social* essa escola, e conta já, entre rapazes e raparigas, treze pequenos pensionistas que eu ultimamen-

caso de extrema necessidade, poderemos dispensar esta somma ou conceder o seu pagamento por diversas vezes:

4.º — Naturalmente para tomar conta de crianças nestas condições, exigimos que possam justificar a sua situação de necessitados.

Isto é apenas a primeira parte da obra que Madeleine Vernet idealizou. O *Avenir Social*, enquanto for apenas uma escola, não deve esperar, vista a modicidade da retribuição mensal exigida, subsistir pelos seus proprios recursos e ver-se-á obrigado a invocar a solidariedade pecuniaria dos camaradas que, por 6 francos por anno, poderão ser seus membros adherentes.

Mas o *Avenir Social* tem pressa de encontrar em si mesmo os recursos necessarios á sua existencia, e, para isso, pretende transformar-se numa sociedade cooperativa agricola e industrial. A escola permanecerá o centro da obra; mas ao lado della, e alimentando-a, com o producto dos seus trabalhos, haveria uma exploração agricola e pequenas officinas cooperativas onde as crianças fariam a sua aprendizagem, se iniciariam no seu papel futuro de productores.

Assim, escrevia M. Vernet, formaremos uma grande familia, uma pequena sociedade na grande; poderemos fazer irradiar as nossas ideias; poderemos ampliar as nossas officinas, a nossa exploração agricola e graças aos fructos do labor commum, poderemos igualmente alargar a obra benefica de educação abrindo a nossa familia aos pequenos desherdados

L'AVENIR SOCIAL. — A familia reunida



Fundado em 1 de maio de 1906, por Madeleine Vernet, em Neuilly-Plaisance, França

te pude ver rebolar-se sobre as relvas da villa de Neuilly-Plaisance. Madeleine Vernet andava com elles, tratando-os como irmã mais velha, persuasiva e risonha. Interroguei-a sobre as origens da sua obra, e sobre as suas esperanças, e vou dizer tudo que soube.

Madeleine Vernet não é uma debutante. Ha seis annos, estando com sua mãe numa aldeia da Normandia, teve a ideia de recolher e educar um certo numero de crianças da Assistencia. Ia bem a empreza, mas infelizmente desagradou á administração. Um burocrata estúpido e mau julgou que as Vernet não preparavam conveniente mente os seus frangitos para a vida de miseria que lhes cabia em sorte; e retiraram-lhes as crianças. Esta aventura foi narrada ha tempo, com todos os pormenores, na revista *Pages libres*.

Madeleine não desanimou. Tendo, porém, reflectido que os que desejam trabalhar activamente pelo bem da humanidade, só devem contar consigo proprios, resolveu passar sem os custosos «favores» da administração, em tudo o que pudessem emprender. Esperou com toda a paciencia, preparando-se através de mil difficuldades materiaes para o nobre papel de educadora libertaria que ella queria para si.

Finalmente, ha poucos mezes, julgando-se prompta, lançou um primeiro apello, e em abril arrendou por dois annos a villa de Neuilly-Plaisance. Madeleine Vernet attingia o seu fim: o *Avenir Social* estava fundado.

O seu programma qual é? Num artigo publicado pela propria Madeleine Vernet no *Libertario* de 27 de maio, encontram-se as seguintes informações:

- 1.º — Tomar conta de crianças de 3 a 8 annos, rapazes e raparigas, e conserva-las até a ida e de 15 annos;
- 2.º — Dar-lhes a educação e a instrução conformes ás ideias que tenho professado... Dar-lhes igualmente a educação profissional conforme com as suas aptidões;
- 3.º — Fixamos a pensão mensal de 30 francos. Por esta somma, obrigamo-nos a fornecer á criança: sustentação (alimentação, vestuario, etc.) e instrução. Além disso ha a pagar uma somma de 50 francos á entrada da criança, para o seu primeiro annoval, que será renovado á nossa custa. No entanto, em

que nem mesmo possuam a modica pensão necessaria para se tornarem nossos filhos.

Este artigo foi publicado em *Les Temps Nouveaux*, de Paris, — n. de 25 de agosto de 1906. O *Avenir Social* fôra inaugurado em 1 de maio desse anno. Em julho de 1907 appareceu o n. 1 de um boletim annual de informação sobre o estado economico e moral da obra que Madeleine Vernet iniciara e em que tinha a auxilia-la dois ou tres collaboradores assiduos. A situação era pouco brilhante: o *Avenir* devia cerca de 5.000 francos. O pessoal escolar era então de 32 crianças, — 17 rapazes e 15 raparigas. Ahi por maio de 1908 o *Avenir Social* mudou-se para Epône. Amédée Dunois.

POBRE HESPAÑA!

Numa população global de 18 milhões de habitantes, ha 12 milhões de analfabetos; o nosso systema de ensino primario, secundario e superior não pode, na sua maior parte, ser tomado a serio e é inteiramente inefficaz e esteril para formar sabios, profissionaes de qualquer especie e sobretudo homens e cidadãos; num orçamento de um billião cento e poucos milhões, a somma destinada no ministerio da justiça ao culto catholico — o unico pago e reconhecido na Hespanha — attinge uns 45 milhões, e ha além disso em todos os orçamentos parciais de todos os ministerios numerosas verbas para a Igreja, cujo total ascende a mais de três milhões, e emfim a Igreja recebe igualmente mais de vinte milhões tirados dos orçamentos dos conselhos geraes e municipaes, alcançando assim um total formidavel de 58 a 70 milhões de francos. Todo o orçamento da instrução publica não vai além de 53 milhões; ha mais de três mil aldeias sem escola; mas em todas ergue a igreja o seu campanario, esmagando os pobres diabos famintos que por baixo formigam, em terras cuja proporção enorme, talvez de 15%, permanece inculta e esteril, deserto arido e melancolico, estendendo-se a perder de vista nas alturas dos planaltos castelhanos e no interior de Hespanha.

Nicolau Salmerón

**A educação religiosa**

Os funambulescos representantes da religião catholica, tendo bem claro e nitida a visão da marcha triumphante da sciencia que, com o facho irradiante da verdade, da logica e do bom senso vem destruir todos os falsos preconceitos em que a sua religião assenta os seus já agora carcomidos e carunchosos alicerces, procuram por todos os meios ao seu alcance obstar a essa marcha incessante da sciencia espancando as trevas da ignorancia.

Elles bem sabem que o modo pelo qual têm conseguido até hoje manter o seu predomínio, escravizando as consciencias á ideia de uma entidade sobrenatural, tem sido incontestavelmente a escola.

E' ali que, inculcando no cerebro ainda embryonario da creança a falsa noção de uma divindade soberana, creadora do universo, elles têm conseguido em parte retardar a marcha das verdades inconcussas, proclamadas e demonstradas pela sciencia na sua faina de perscrutar os segredos da natureza.

E' por meio da escola que a religião tem trazido até nossos dias os povos agrihoados á superstição; o ensino religioso tem servido de anestesico para adormecer e escravizar a razão, não permitindo que se desenvolvam as aspirações que se encontram de modo latente no fundo do coração humano.

E' por isso que os ministros do vasto syndicato cuja sede é em Roma, vendo pouco a pouco fugir-lhes esse meio facil e seguro de manterem as ignaras estultices em que se baseiam as suas absurdas doutrinas, arremettem furiosos contra a laicização da escola e num derradeiro esforço tentam oppor-lhe entraves.

Baldados porém serão os seus intentos para interceptarem a marcha victoriosa da sciencia que, tendo explicado os phenomenos da natureza, a origem da vida, ocasionou a bancarrota da religião.

A religião se ainda consegue manter-se se ainda tem uma relativa importancia, é isso devido ao apego da humanidade ao tradicionalismo.

Darwin, o grande naturalista inglez, o assombroso autor da *Origem das especies*, como elle mesmo confessa, sómente aos 40 annos é que conseguiu emancipar-se da ideia de um Deus e isso mesmo depois de uma luta titanica em que a razão forcejava por vencer a creença que lhe haviam inculcado desde a mais tenra idade.

E' que as impressões, as suggestões recebidas na idade em que o cerebro começa a desenvolver-se, em que a mente começa a abrir-se ás impressões exteriores, são essas suggestões que mais gravadas ficam, que exercem mais influencia e os que mais difficilmente se conseguem modificar.

Vejamos agora como se concebeu e se tem propagado até nossos dias a creença de uma entidade sobrenatural, impalpavel, invisivel aos nossos sentidos:

O apparecimento do homem na terra perde-se na nebulosidade dos tempos.

O homem primitivo, isto é, desde que elle começou a raciocinar, a preocupar-se com a razão de ser da sua existencia, não podendo explicar os admiraveis phenomenos da natureza, achou mais facil e commodo attribuil-os hypotheticamente a um ente superior, invisivel.

E assim a lenda que admite a creação do cosmos em seis dias e o apparecimento do homem tal qual elle hoje é em um paraiço delicioso, foi-se propagando, foi-se transmittindo ás successivas gerações e chegou até hoje como verdade incontestavel.

Ora, depois que a sciencia nos revelou a verdadeira origem do homem, depois que ella estabeleceu o seu verdadeiro lugar no reino animal, porque devemos continuar a educar as creanças ministrando-lhes ensinamentos que são reputados puras fantasia da ignorancia?

Mas é isto que querem os apologistas da caduca metaphysica, querem que se persista no erro, que se continue a ensinar á creança que o mundo foi architectado em seis dias por um *«Deus soberano senhor de todas as coisas o qual castiga o vicio e recompensa a virtude!»*

Mas são supinamente incoherentes ou refinadamente hypocritas os que se revoltam contra a exclusão de Deus na moderna escola.

Um Deus que recompensa a virtude e castiga o vicio!

Um Deus assim, hão de concordar os defensores do ensino religioso, é um Deus rancoroso, perverso.

Sim, ou elle é perverso permitindo (po-

dendo evitar-o) que o homem seja vicioso, pratique más acções para depois na vida futura castigal-o eternamente fazendo-o assar *per omnia seculo seculorum* nas caldeiras do *Pedro Botelho!* ou então elle é um impotente que nada póde e neste caso mais parece um Deus de comedia, um Deus de fancaria do que o portentoso auctor das maravilhas que a natureza incerra.

A Biblia, unico livro em que assenta as suas bases o catholicismo, é um amontoado de asneiras, de incoherencias, de disparates.

Attribuindo a esse livro uma proveniencia divina equivaie a passar um diploma de ignorante crasso ao Deus que o inspirou, pois esse livro sagrado não resiste á mais leve analyse que lhe faça qualquer pessoa isenta de preconceitos absurdos.

Sendo, portanto, a Biblia, unico documento que a igreja nos apresenta como testemunho da existencia de Deus, um livro eivado de absurdos, prenhe de immoralidades, demonstrando desde a primeira á ultima pagina que o seu autor ou autores não possuian a mais leve noção de logica e de bom senso, e que por isso exclue a sua origem divina, devemos continuar a perpetuar ás gerações vindouras a lenda biblica de creação em seis dias? Certamente que não.

E assim é que os falsos apóstolos de uma immoralissima religião qual a dos papas, vendo a crescente expansão do racionalismo, empregam, num desespero de causa, todos os meios ao seu alcance para obstar a laicização da escola.

A mentira, a perfidia, a calumnia, tudo lhes serve, de tudo lançam mão para evitar que a luz da razão e da sciencia lhes diminua a influencia que a ignorancia dos povos lhes tem assegurado.

O assassinato de Ferrer, de cuja innocencia diariamente surgem demonstrações affirmativas, é a prova cabal do herculeo esforço, dos meios vis que elles adoptam para continuarem o seu nefasto predomínio.

Combata-mol-os, pois, sem treguas, desmascaremos esses inimigos da humanidade, demonstraremos o absurdo e o ridiculo dos seus dogmas, fundemos escolas leigas, e este será, por certo, o melhor meio de vingarmos o infame assassinato do inolvidavel educador Francisco Ferrer, o incaçavel fundador da Escola Moderna.

José S. Salles.



MAXIMO GORKI

Um homem nos apparece de roldão com a turba-multa dos vagabundos e dos miseraveis em um dos calabouços da Russia, acossado pelo knout dos serventurios do Czar. E' a quem chamam Maximo Gorki. Elle mesmo não sabe ao certo quando nasceu. Filho de gente pobre ficou orfão muito novo, arremessado para a vagabundagem, percorrendo caminhos, passando curtos tempos em aprendizagens varias para se escapar e fugir para a vida livre, para o pó das estradas onde se ia instruindo lendo novelas. Foi cordoeiro, gravador, pintor de santos, cozinheiro, guarda dos caminhos de ferro, bufarinheiro, moço de fretes, etc.

Foi o escriptor Korolenko quem o iniciou no mundo literario, alcançando o seu primeiro exito em 1893 com a sua obra *Tchelkach*, o poema da vagabundagem.

Depois disso tem escripto inumeras obras, algumas já editadas em Portugal, na sua maioria curtas, donde se destacam sempre personagens encarnando casos typicos de pathologia social.

Não ha muito ainda que o governo russo o quiz condemnar á morte, pelo que se levantaram protestos universaes. Apesar das perseguições movidas, elle continúa sendo o cantor entusiasta da vida livre, errante e vagabunda.

O MODERNO SUPPLICIO DE TANTALO



Os condemnados á eterna fome pelo inferno da actual sociedade.

OS HOMENS FORTES

HONRA aos valorosos, aos de alma forte, aos que servem a verdade, a justiça, a belleza. Não os conhecemos porque são altivos e não se nos mostram; não vemos com que alegria respandee o seu coração; lançando sobre a vida um raio de luz, cegam-nos. Que os cegos, o numero infinito dos que não vêem, vejam; que cada um veja com horror e espanto quão rude, injusta e monstruosa é a vida. Sim, hora ao que se possui; elle encarna todo o mundo em seu coração, todo o soffrimento humano em sua alma. A iniquidade da vida, a mentira e a crueldade são os seus inimigos. Todas as suas horas empregas numa luta generosa, e seus dias são repletos de impetuosa alegria, de nobre ira, de decisões heroicas. Não se poupar, eis ali a mais alta, a mais bella sabedoria. Sim, honra ao que se não sabe poupar! Só existem duas maneiras de viver: a putrefacção e a combustão. Os vis, os egoistas, preferem a primeira; os fortes, os generosos, a segunda. Bem se vê quaes podem ser os que amam a belleza e a grandeza. As horas de vida são futeis e tristes. Enchamo-las de actos nobres, sem poupar-nos, e viveremos horas magnificas, profundamente sensacionais, ardentemente altivas... Uma vez mais: Honra ao que se não sabe poupar!

E' necessario ter nascido na sociedade civilizada para soffrer pacientemente a sua vida, sem sahir do circulo onde nos opprimem e algemam pesadas restrições, sancionadas por costumes mentirosos e envenenadas entre um amor proprio trivial e doentio, e pequenas vaidades que debilitam e esgotam, entre tudo isso a que erradamente chamam a *civilização*. Eu nasci, eu eduquei-me longe da sociedade, e por isso não sou capaz de absorver a grandes doses a *cultura*, sem sentir a necessidade imperiosa de libertar-me, fugindo-lhe de vez em quando. E' muito agradável descer aos antros das cidades onde tudo é corrompido e sujo, não o nego, mas onde tudo também é sincero e simples. E' melhor ainda lançar-se a gente nos caminhos onde se descobrem coisas dignas de attenção. Isto refresca a alma; e para o realizar, bastam umas botas de solas grossas. **Maximo Gorki.**

O ENSINO

Liberdade ou monopolio

Em materia de ensino, quando se fala de liberdade, de que liberdade se trata? Da do pae de familia, da do Estado ou da da creança? Que interesses se hão de pôr a salvo: os dos que dão o ensino ou os dos que o recebem? Em que direitos convem inspirar se senão nos do destinado a ser beneficiario ou a victima do ensino?

Como queira que se apresente o assumpto, a resposta hade ser a mesma: tem que se assegurar a liberdade, pôr a salvo os interesses e garantir o direito da creança.

A figura da creança domina o problema, e neste ponto de partida firme e logico, não póde haver equivoco nem confusão.

A quem pertence a creança? — A' familia, segundo uns; ao Estado, segundo outros.

Os primeiros reservam exclusivamente aos paes o direito de lhe dar educadores e a escolha do ensino.

Os segundos proclamam que a creança,

futuro cidadão, pertencendo ao Estado, só este tem a faculdade de educar e de instruir.

Os partidarios do direito paternal, denominando-se liberaes, querem uma liberdade que se converte na tyrannia paternal e na confiscação da liberdade da creança.

Os partidarios do direito do Estado vão ao monopolio, ao despotismo governamental e á domesticação das intelligencias infantis.

Pois á pergunta: a quem pertence a creança? respondo resolutamente: nem á familia nem ao Estado, mas a si mesma. E ao supposto direito da Familia e do Estado, cujas entidades não tem respeito pela creança debil, ignorante e desarmada mais que deveres, opponho o direito da Creança.

A creança tem direito ao pão do corpo, desenvolvimento physico; ao pão da intelligencia, desenvolvimento intelectual, e ao pão do coração, desenvolvimento do seu ser affectivo; por consequencia, a educação tem por fim: physicamente, formar corpos saos, robustos e bellos; intellectualmente, constituir intelligencias cultivadas, e moralmente, desenvolver corações bons, generosos e fraternaes.

Com respeito ao Ensino, quer dizer á constituição das intelligencias cultivadas, que convem fazer?

Neste ponto o dever é duplo: 1.º *Negativo*. Afastar a intelligencia da creança do erro, da preocupação e da mentira.

2.º *Positivo*. Fazer que a creança conheça e ame a verdade.

Mas onde está a verdade? Quem a possui? Quem póde considerar-se como seu detentor?

A esta capitalissima pergunta respondo: A verdade não existe, cria-se; não está detraz de nós, mas diante; é como a cidade que se vae edificando e que dia a dia se embelleza e se illumina.

Unicamente os dogmaticos e os metaphysicos se podem ensoberbecer em vão com a posse da verdade e julgarem-se com o direito de a impôr aos outros. Usem ou não sotaina, ensinam em nome da Religião ou do Estado, esses dogmaticos são sempre perigosos e como taes hão-de ser repellidos.

Já que a verdade se acha dentro de nós, é necessario deixar que a creança procure por si mesma essa verdade cada vez mais grande e luminosa para a qual nos dirigimos.

Se não possuímos a verdade, possuímos umas verdades.

Estas verdades são as noções das já certas, demonstraveis e evidentes; são os conhecimentos adquiridos, as realidades positivas, as proposições comprovadas e comprovaveis.

Estas verdades, numa palavra, formam o conjuncto de conhecimentos certos que constituem no presente o *capital intellectual de humanidade*.

Pôr este capital saber (communismo cerebral) á disposição de todas as creanças é o que de nós exige o direito desse pequeno ser intelligente em periodo de formação e de desenvolvimento.

Sebastião Faure.

A liberdade em Hespanha

Um appello

A systematica negativa do governo hespanhol de conceder uma amnistia que abra as portas dos carceres a todos os condemnados por delictos politicos e sociaes que nelles cumprem penas absurdas e horrorosas, torna necessaria uma vigorosa campanha que force mais uma vez a consciencia dos dirigentes a curvar-se ante os sentimentos de humanidade e de justiça que tantos desconhecem e offendem, quando os deveriam tomar como apoio e guia dos seus actos.

O Comité Hespanhol *Pro Amnistia* recentemente organizado em Marselha, faz um caloroso appello a todos os homens de espirito liberal e sentimento humanitario para que o auxiliem em tão generosa obra.

Convinda-os a constituirem-se em comités que trabalhem para pôr em relevo a obra liberticida dos governos hespanhoes, afim de interessar em favor das victimas de Canalejas todos os homens de condição livre em nosso proposito de arrancar das masmorras os trabalhadores, os artistas, os propagandistas e os escriptores que nellas expiam o seu amor á liberdade e á justiça.

Para tudo o que se relacione com este fim, dirigir-se a Eduardo Jord, — 127, Chemin d'Aix — Marseille.

## O JESUITA

O jesuita é torpe.

Entre a intangibilidade desmedida, o capricho pretencioso e obscuro do fingido e do *hypocrita*, penetrou, furtivamente, a agudeza subtil do *ambicioso*, para se crêr, ainda que rudemente, o typo crasso do jesuita — isto é, um complemento, um característico desconfiado e provocante, futil e abscosso, reflectindo aquelles dois estadios incompletos, sob todas as suas apparencias enganadoras, da mais incoherente á mais abusiva, desde uma fraqueza reconhecida, em que se nota a largueza desarrazoada da ambição e da crueldade, e em que se passa da deformação physica para o desconjunctamento moral — ao temperamento indeciso e fraco, a um tempo mysterioso e somnambulo, demais para o seu estado, em que se amalgamam uma ironia aterradora e uma barbaridade estonteante.

Ainda não comprehendido no seu primeiro movimento, occultando uma terrivel desconfiança e uma entranhada descortezia, e deixando reflectir-lhe nos labios um riso ameaçador e ironico, contempla, com prazer e satisfação — as miserias do mundo.

O jesuita incompleto, completou-se.

Filho do crime e da ignorancia, nasceu da decadencia absoluta de uma época. Appareceu, primeiro engatinhando, tremulo, entanguido, fraco, balbuciando timidamente as suas predicas unctuosas, quando a idade-media, num desmoronamento subito se desconjunctava por inteiro, e um outro periodo — a idade moderna, talvez mais ingrato para a humanidade, começava a florescer aos primeiros raios de uma civilização diversa.

Mas ahi está a sua consubstancialidade e a garantia de seus destinos. Ninguem pôde, ao certo, prever o quanto se avantejará uma instituição, por peor que ella seja, desde que tenha alicerces constituidos. E o regimen de adopção, a causa principal do systema, conspurca o a idiosyncrasia da seita. Segue outro caminho, á mercê da ordem directa dos acontecimentos. Mira-o, contempla-o, palmilha-o e transfigura-se com elle. A miragem aberrante dos desertos junta-se a contemplação extatica das orações. E então, num meio esterilizante, sangrento, fatidico, imita-o na desenvoltura amorpha da concepção, ao desencadeiar brusco das preces enternecidas. Allucinado pelos fantasmas de sua imaginação perturbada, abrupto ás idéas de seu espirito combalido, atira-se no monstruoso abysmo das contradicções. Aniquila-se.

O jesuita é um grande mal.

A maneira que diminúe em ternura, augmenta em crueldade. A sua unica aspiração, o seu unico pensamento, é fazer guerra á humanidade e adquirir elementos que o fortifiquem. Em seu coração não existe amor nem compaixão. Tudo quanto faz é por interesse. Interesse que muitas vezes prejudica mais do que um terramoto em uma cidade.

Mas não discutamos sem provas.

Lancemos o tecto da analyse sobre os alicerces da synthese.

Exponhamos os factos.

— O sacerdote deixou de ser o monge antigo, crente e desapaixonado, consciente de seu estado e leal aos seus deuses, para ser o *moderno* jesuita, todo chic e elegante, conquistador de almas e de corpos, arrecadando tudo quanto pôde em proveito da *Companhia* a que pertence. E' um verdadeiro parasita social. Jacobino nos factos e nas idéas, nas doutrinas e nos costumes, nos exemplos e nos modos, tenta levar de vencida o mundo inteiro. O seu vestuario bem o indica. E' negro. Negro como o remorso, negro como o crime, negro como a infamia, negro como as estreitas paredes de um carcere, negro como a propria treva. Enxerga de noite. A treva fornece-lhe luz, enquanto que o dia escurece-o por inteiro. E' elle ahi está, firme, impavido, resolute, sem se amalgar a nada. Houve quem dissesse já que o jesuitismo ia desaparecer. Engano completo. E não nos devemos deixar embalar com essa illusão de que o jesuitismo tem de ser eliminado pela propria mecanica automatica da evolução.

Bem longe disso... Porque o jesuitismo não é uma coisa morta, não é uma simples recordação de factos de triste memoria: é uma força dynamica viva, activa e energeticamente operante. E' o eterno conubio do throno e do altar, do privilegio e da mentira, da força prepotente e da astucia enganadora.

Batido, em toda a brecha, pela *Refor-*

## O PADRE

Ha no padre a figura, o typo mais perfeito  
Do homem que p'ra roubar possui o dom e o geito.  
Que o mico mais sagaz, que o tigre mais traçoero,  
Não erra na emboscada o salto no dinheiro;  
E com tal geito o faz, com tal agilidade,  
Que o misero christão, com toda a ingenuidade,  
Leva-lhe a bolsa aberta, a rezar, ajoelhado,  
Ficando ainda mais devendo-lhe e obrigado.  
A igreja se tornou no emporio commercial  
Mais rendoso e o melhor da época actual;  
Mas seria bem bom se fosse só um emporio,  
Porque então se aprendia (e como é bem notorio)  
Praticas commerciaes, theoria mercantil...  
Constituindo um progresso até para o Brasil!  
Ao contrario, porém... ao contrario, porém...  
A igreja se tornou no bacchico armazem  
Onde se vai vender a propria intelligencia,  
Vender a Liberdade, a Razão, a Consciencia!  
Mas o povo? Coitado... ingenuo... ah! não comprehende...  
Quando pensa ganhar — ahi é que se vende,  
Que se deixa cahir no amarrilho dos laços  
E que faz algemar a corrente nos braços.  
E o bruto padralhão? e o bruto padralhão?  
Ah! esse não tem dó, não possui compaixão,  
Nem trepida um momento — atira-se com sêde,  
Resoluta ganancia, e o perigo não mede;  
E diz com frieza mais que um cruel açougueiro:  
«Dá-me a filha, a mulher, a bolsa de dinheiro!  
«Malandro, maganão, nescia cara de pito...  
«Não vês que eu de passar muito bem necessito?  
«Anda logo com isso!... anda logo com isso!...  
(Continúa ameaçando ao misero submisso)  
«Não vês que se me exgotta a bolsa de tabaco?  
«Demais... me é pouco o vinho e... em memorias a Baccho,  
«Qual antiga vestal que as chammass accendia,  
«Eu não posso deixar que a troça e a lascivia  
«Se apaguem no convento... E depois, *sen* patife,  
«Para ter bom licor, jejuar gostoso bife,  
«Ter cobre com fartura, uma mulher bonita,  
«Formosa, rechonchuda — eu me fiz jesuica!  
«Anda, pois! anda, pois! Entrega, maganão,  
«Ao contrario terás a infamia e a Inquisição!»

Depois este chagal abandona a caverna  
E vai comer, beber na mundana taberna.  
Quando em meio, porém, do vapor da bebida,  
Nos alvos braços cai de loira prostituida,  
Grita-lhe fortemente uma potente voz:  
«Algoz! algoz! algoz! algoz! algoz! algoz!...»  
Elle sai de carreira, arcado, vacillante,  
Como quem busca mesmo abysmo devorante.  
E vai com um furor que o esmaga e que o fragella  
Em busca de descenso e silencio na cella.  
Mas o padre possui já tal degenerencia  
Que não lhe vale mais a voz da Consciencia:  
Verão que elle amanhã continuará de novo  
A sugar, a sugar a energia do povo!

Itapetzinga, novembro, 909.

Elysis.

ença, pela *Reforma* e pela *Encyclopédia*, vencido pela *Revolução*, resuscitado pela *Restauração* e pela *Santa-Alliança*, constrangido a morder o pó no incendio redemptor de 48, o jesuitismo — reduzido pela civilização dominante a partido e seita de minoria e de opposição, relegado para os limites do direito commum, se bem que sempre rico de privilegios de qualquer modo herdados do precedente dominio e infelizmente ainda não de todo eliminados — o jesuitismo prepara-se para recuperar o seu poderio, com multiforme e genial versalidade de methodos, mas uno e identico no conceito, sempre e em toda parte.

O jesuitismo é o inimigo nato da Liberdade. Tornou-se agora mais perigoso do que nunca. Presentemente, tenta fingir de moderado, dissimulando a propria essencia fanatica e intolerante. Deixem-no, porém, retomar o poder, e elle voltará a ser o que foi, isto é, o partido da intolerancia systematica e da perseguição do fanatismo. Porém quando, creio, essa atmosfera em que elle vive e que lhe fornece elementos á vida fôr coberta por outra atmosfera em que se estude e analyse os males da sociedade, a barbaria jesuitica irá pouco a pouco se dissecando e se desfazendo, como se fosse uma arvore venenosa a que faltasse a lymphá impura do putrido terreno, emfim cultivado.

A sua melhor figura representativa é a daquelle execrando e assassino *Torquemada*, reduzindo a cinzas os corpos dos martyres do furor canino da igreja, amordaçando as almas num atribular incançavel que o arrebata das fogueiras para as rodas, das rodas para o cutello, do cutello para a forca, da forca para o tormento, entre os famigerados, entre os leigos e despotas, entre os favoritos e *crentes*,

matando, esfolando e queimando, jesuita, assassino e despota, perdidamente enamorado da crueldade, propellido por uma ancia inextinguivel de exterminio e de iniciar-se em todos os segredos da infamia, que anhelava incutir no genio de seus eguaes.

A *Inquisição* é a caracteristica de sua indole. Adorou-a de joelhos e posto de joelhos matou milhares de desgraçados. Eis a honra da igreja, os factos de uma dictadura religiosa, a gloria do jesuita.

Cumpra acabal a, anniquilal a, extinguilal a, porque o jesuitismo é um perigo constante para a Paz, para a Vida, para a Liberdade, para o Progresso e para a Civilização.

Gualter Martiniano.

Bahia, 1911.

## RECORDANDO

Fazem dois annos, no dia de hoje, que a depravada monarchia hespanhola, aliada ao clero corruptor, assassinou covardemente o possante pensador Francisco Ferrer.

Com esse golpe iniquo procurava-se conter o avançar do livre pensamento na estrada do progresso humano.

O effeito porém foi contraproducente ao desejo dos tyranos: o assassinio de Ferrer, longe de crear embaraços ás idéas por elle propagadas, deu-lhes formidavel incremento, impulsionou-lhes novo vigor.

Ao unisono internacional de protesto ruidoso no momento de ser consummada a grande infamia, seguiu-se um periodo de activa propaganda, e hoje mais do que nunca está divulgada a obra do grande educador racionalista.

Especialmente a propaganda anticlerical tomou grande vulto, pelo regozijo que as hordas ultramontanas sentiram e manifestaram por toda a parte ao sabermos da morte do heróe luctador tenaz e infatigavel contra o obscurantismo religioso.

Ao grito de dor e de espanto do primeiro momento, succedeu um despertar de energias conscientes, para uma obra duradoura no terreno pratico da propaganda.

Aqui no Brasil houve uma forte sacudida no torpor das hostes avançadas, em cuja vanguarda caminha S. Paulo, já cimentando os alicerces de uma Escola Moderna, já derramando jorros de luz por todo o interior do Estado, com a *Lanterna*, folha de combate, vigorosa contra a acção deletéria do clericalismo absorvente. A reacção torpe e selvagem teve por consequencia acelerar a revolução que dará fatalmente o golpe de misericordia no jesuitismo.

O involucro do apostolo da sciencia passará, na chimica subterranea, pelas multiplas transformações da materia, mas seu pensamento brillará infinitamente nas paginas que nos legou. Aquelle coração varado pelo chumbo assassino pulsa ardentemente em cada um de nós que procura seguir o exemplo do mestre.

Por sob o tumulo do grande martyre, viceja, fragrante e mimosa, a flor rubra do Livre Pensamento!

Santos.

Eladio Cezar Antunha.

## OS BEATOS

O beato, a beata, na religião, não respeitam a divindade, respeitam o sacerdote. Não prestam culto a Deus, prestam culto ao padre. Para espiritos embrutecidos, taes como os forma a devoção fanatica, Deus é alguma coisa de incomprehensivel, de vago, de perdido no fundo dos céos: pelo contrario o padre é o sempre presente e o sempre visivel. E' o padre que os confessa, que os comunga, os penitencia, os doutrina, os guia. De sorte que, leutemente, todo o poder, toda a sabedoria, toda a santidade a attribuem ao padre.

Deus está num indefinido mysterioso, na profundidade dos firmamentos: o padre está ali, na sua rua, ao pé da sua casa, sempre prompto, e torna-se assim um deus ao alcance dos sentidos e ao contacto da mão. Veja-se uma beata ou um beato deante de um padre: beijalhe a mão com temor, conserva os olhos baixos e aterrados, respeita-lhe a casa como um templo; se entra a porta faz mesura como deante do sacrario, não se atreve a contradizel-o — como á mesma sabedoria; julga-o impeccavel, candido e perfeito; e toda a philosophia desta adoração profana está no grito pavoroso daquella beata: «ai! maldita seja eu que, sem saber, euxtotei o gato do senhor abade!»

Eça de Quelroz.

## A LANTERNA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINA  
LARGO DA SÉ, N. 5 (SOBRADO)

CAIXA POSTAL, 195

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: LANTERNA

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO

DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

APPARECE AOS SABBADOS

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

ANNO . . . . . 10\$000  
SEMESTRE . . . . . 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

NO PREÇO DE ASSIGNATURAS PARA O EXTERIOR

HA A DIFFERENÇA DO PORTE DO CORREIO

Capital  
Sr. Salvador Moreira  
R. Alfredo Maia 8  
(Porto Pequeno)